UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
UNESP
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
FACULDADE DE CIÊNCIAS

Felipe Ganzert Oliveira

ORIENTAÇÃO AFETIVO-SEXUAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO: RELATO DE PESSOAS SOBRE A INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA, RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS

Orientadora Profª Drª Ana Cláudia Bortolozzi Maia

BAURU
2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
UNESP
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BAURU
FACULDADE DE CIÊNCIAS

Felipe Ganzert Oliveira

ORIENTAÇÃO AFETIVO-SEXUAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO: RELATO DE PESSOAS SOBRE A INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA, RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Faculdade de Ciências.

Orientadora Profª Drª Ana Cláudia Bortolozzi Maia

BAURU
2011

Oliveira, Felipe Ganzert.
Orientação afetivo-sexual e desenvolvimento humano: relato de pessoas sobre a infância, adolescência, relações familiares e sociais / Felipe Ganzert Oliveira, 2011.
124 f.

Orientador: Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2011

1. Desenvolvimento humano. 2. Sexualidade e gênero. 3. Análise do comportamento humano. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ORIENTAÇÃO AFETIVO-SEXUAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO: RELATO DE PESSOAS SOBRE A INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA, RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Rinaldo Correr

_____

Prof. Dr. Sandro Caramaschi

_____

Orientadora: Prof. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Dedico esse trabalho a todos que acreditam que
para ser igual, é necessário aceitar, entender e,
principalmente, respeitar as diferenças.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do programa de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus Bauru, em especial à Profª Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia, minha orientadora de pesquisa, por proporcionar momentos de crescimento e aprendizagem, os quais vivenciei com muita intensidade. Gostaria também de prestar o meu agradecimento ao Prof. Dr. Rinaldo Correr e ao Prof. Dr. Sandro Caramaschi, membros da banca que participaram da qualificação e defesa. Deixo também o meu agradecimento à pró-reitoria de pós-graduação da Unesp, pela bolsa de estudos concedida, à Profª. Dra. Tânia Gracy Martins do Valle, coordenadora do programa de pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, além de todos os meus colegas do curso, que participaram intensamente dessa jornada chamada mestrado.

Não poderia deixar de prestar meus agradecimentos aos meus familiares, em especial aos meus pais, Rita e Sidney, meus grandes e melhores amigos, meus modelos comportamentais, meus maiores incentivadores, àqueles que em momento algum deixaram de acreditar em mim e nos meus sonhos. Por fim, gostaria de prestar um agradecimento mais do que especial à Priscila, minha esposa, meu grande amor, sempre presente em todos os momentos, me ensinando, a cada dia, o real significado da palavra "amar".

RESUMO

A sexualidade é um fenômeno complexo e até o momento não existe uma teoria que explique, por si só, como ocorre o desenvolvimento da sexualidade, uma vez que o estudo da sexualidade necessita de uma visão multidisciplinar, envolvendo os aspectos biológicos, sociais e psicológicos do desenvolvimento. Partindo de um referencial teórico da análise do comportamento, pode-se considerar que o comportamento sexual, assim como qualquer outro comportamento, é determinado pelos três níveis de seleção, ou seja, é resultante de uma carga genética, somado a um histórico de aprendizagem e ao contexto onde o indivíduo está inserido. Este estudo descritivo teve como objetivo investigar, por meio de relatos de jovens homossexuais e heterossexuais, as opiniões pessoais sobre o desenvolvimento da sexualidade e da orientação afetivo-sexual na infância e na adolescência. Participaram oito pessoas com idades entre 22 e 28 anos, sendo quatro homens e quatro mulheres. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas e os relatos obtidos foram analisados em conteúdo resultando nas seguintes categorias: C*ategoria 1 - relatos sobre o período da infância e adolescência*, evidenciando a influência dos modelos comportamentais no desenvolvimento das relações sociais afetivas; *Categoria 2 – relatos sobre a relação com familiares*, marcada por conflitos, com vínculos afetivos estabelecido tanto com a figura da mãe quanto a do pai, além da relação com os demais familiares; C*ategoria 3 – educação sexual: relatos sobre a educação familiar e escolar e a influência na sexualidade*, destacando a influência dos aspectos culturais, além das contingências de reforçamento no desenvolvimento humano, além de levantar a participação da escola enquanto influência no processo do desenvolvimento humano e, consecutivamente, no desenvolvimento sexual; C*ategoria 4 – relatos sobre sexualidade no desenvolvimento humano*, levantando o entendimento dos participantes acerca da sexualidade, além dos relatos correlacionados aos primeiros episódios de sexualidade; *Categoria 5 – Relatos sobre a sexualidade atual e expectativas futuras*; onde se constatou a importância de familiares, amigos e pares amorosos no desenvolvimento da identidade sexual. Ao término do levantamento, conclui-se que o desenvolvimento da sexualidade é similar entre indivíduos heterossexuais e homossexuais, divergindo apenas no que se refere à influência do ambiente nesse processo e, consequentemente, as contingências de reforçamento.

Palavras–chave: sexualidade humana; desenvolvimento humano; desenvolvimento sexual; orientação sexual; análise do comportamento humano.

ABSTRACT

Sexuality is a complex phenomenon, and there isn't a theory that explains, in itself, as is the development of sexuality, since the study of sexuality requires a multidisciplinary approach involving the biological, social and psychological development. From a analysis of behavior view, it can be considered that sexual behavior, as well as any other behavior, is determined by the three levels of selection, or is the result of a genetic load, coupled with a history of learning and the context in which the individual belongs. This descriptive study aimed to investigate, through reports of young homosexuals and heterosexuals, personal opinions on the development of sexuality and sexual-affective orientation in childhood and adolescence. Eight people participated, aged between 22 and 28 years, four men and four women. The data was collected through interviews and reports were evaluated in content resulting in the following categories: *Category 1 - Reports on the period of childhood and adolescence*, highlighting the influence of behavior models in the development of affective social relations; *Category 2 - Reports on the relationship with family*, marked by conflict, with established emotional ties with mother and father, addressing the relation with the family; *Category 3 - Sex education: report on education and family and school influences on sexuality*, highlighting the influence of cultural aspects, besides the reinforcement contingencies in human development, besides raising the characteristics of the school on the process of human development and consecutively in sexual development; *Category 4 - Reports about sexuality in human development*, raising the participants' understanding about sexuality, and the reports related to the early episodes of sexuality; *Category 5 - Reports of sexuality current and future expectations*, which demonstrated the importance of family, friends and loving couples in the development of sexual identity. At the end of the study, concluded that the development of sexuality is similar between heterosexuals and homosexuals, differentiated only with influence to the environmental influence that process and, consequently, the reinforcement contingencies.

Keywords: human sexuality, human development, sexual development, sexual orientation, analyzing human behavior.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Desenvolvimento Sexual Normal (Silvares, 2002)..... 13
Quadro 2 – Seis fases da formação da identidade homossexual..... 22
Quadro 3 – Descrição da infância/adolescência 91
Quadro 4 – Relato da relação com os pais 93
Quadro 5 – Opinião sobre com qual dos pais mantinha contato mais próximo 93
Quadro 6 – Descrição da relação dos pais entre si..... 94
Quadro 7– Descrição da relação com o restante da família..... 95
Quadro 8 – Compreensão da família sobre questões de sexualidade 96
Quadro 9 – Opinião da influência familiar sobre a forma de viver a sexualidade97
Quadro 10 – Descrição das relações sociais na infância/adolescência 98
Quadro 11 – Descrição das relações sociais na escola.....99
Quadro 12 – Descrição do que entende por sexualidade.....100
Quadro 13 – Relato de episódio de sexualidade que tenha vivido na infância101
Quadro 14 – Descrição da descoberta da sexualidade..... 102
Quadro 15 – Relato das primeiras impressões/descobertas eróticas 103
Quadro 16 – Relato dos primeiros relacionamentos amorosos..... 104
Quadro 17 – Descrição da primeira relação sexual..... 105
Quadro 18 – Descrição das principais fontes de informação sobre sexualidade106
Quadro 19 – Opinião sobre o suporte da família no processo de formação da sexualidade 108
Quadro 20 – Descrição da participação dos pares no processo de formação da sua sexualidade 109
Quadro 21 – Opinião sobre o papel da escola no processo de formação da sua sexualidade 110
Quadro 22 – Descrição de como percebe e vive hoje sua sexualidade 111
Quadro 23 – Descrição de como estão as relações com os pares e parceiros112
Quadro 24 – Relato de expectativas com relação à sexualidade 113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização dos participantes 26
Tabela 2 – Categorização de respostas sobre educação sexual.....42

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 4
INTRODUÇÃO 7
1. O Desenvolvimento Humano e Sexual 7
1.1. Biologicamente Determinado ou Socialmente Construído? – A visão da análise do comportamento 7
1.2. Da Concepção ao Nascimento 11
1.3. A Sexualidade na Infância 13
1.4. A Sexualidade na Adolescência 17
1.5. Homossexualidade e diversidade sexual 19
1.5.1. A Homossexualidade – estudos sobre possíveis causas 21
1.5.2. O processo de reconhecer-se homossexual 23
OBJETIVOS 28
Objetivo Geral 28
Objetivos Específicos 28
MÉTODO: 29
Procedimentos 31
Procedimentos Éticos 31
Procedimentos de Coleta e análise de dados 31
RESULTADOS E DISCUSSÂO 32
CATEGORIA 1. Relatos sobre o período da infância e adolescencia 34
CATEGORIA 2. Relatos sobre a relação com familiares 38
CATEGORIA 3. Educação sexual: relatos sobre a educação sexual familiar e escolar e a influência na sexualidade 44
CATEGORIA 4. Relatos sobre sexualidade no desenvolvimento humano 53
CATEGORIA 5. Relatos sobre a sexualidade atual e expectativas futuras 68
CONSIDERAÇÕES FINAIS 74
REFERÊNCIAS 80
APÊNDICE 1 - Termo de consentimento livre e esclarecido 85
APÊNDICE 2 - Roteiro de entrevista estruturado 88
APÊNDICE 3 - Transcrições das entrevistas organizadas em temas 92

ANEXO 1 - CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP 117
ANEXO 2 - ATA DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO 119

APRESENTAÇÃO

Ao falar sobre sexualidade, nos referimos a um conceito muitas vezes difícil de ser compreendido, apesar de julgarmos entender o seu significado. Vivemos numa sociedade regrada por padrões de comportamentos, onde nos comportamos não só de acordo com o que aprendemos, ou de acordo com a carga genética que carregamos, mas também de acordo com o ambiente no qual estamos inseridos. Mas como será que se dá o desenvolvimento da sexualidade, levando em consideração essa sociedade, regrada de padrões comportamentais?

Ao menos no que se refere à sexualidade, podemos compartilhar de algo em comum com o restante dos animais: a partir do momento em que nascemos, somos todos sexuados. A similaridade então se encerra por aí. Visto que quanto maior se encontra na escala de evolução, menor seria o seu repertório comportamental, ou seja, quanto mais desenvolvido o indivíduo, menor seria o seu repertório inato, pouco nos adianta nascer sexuado. Ou seja, um animal, mesmo que não tenha aprendido ou observado outros de sua espécie, saberá no futuro como se comportar sexualmente, seja na forma do macho cortejar a fêmea, assim como esta saberá como reagir ao cortejo.

Nós, seres humanos, entretanto, não nos apresentamos dessa mesma forma, ou seja, não nascemos providos desse “conhecimento” acerca de como devemos nos comportar em tais situações. A maneira como nos comportamos com relação à sexualidade, assim como nossos demais comportamentos, depende profundamente de uma aprendizagem anterior. Por isso podemos desde já correlacionar, de acordo com os pressupostos da Análise do Comportamento, o desenvolvimento com o processo de aprendizagem. Cabe-se destacar que a aprendizagem é apenas um dos três níveis de seleção do comportamento, ou seja, não é determinante, visto que devemos levar em consideração, em igual importância, os fatores filogenéticos (nossa carga genética) e também a comunidade verbal, ou seja, o ambiente no qual estamos inseridos.

Partindo dessas premissas, o presente estudo teve como objetivo investigar, por meio de relatos de jovens homossexuais e heterossexuais a

percepção dos mesmos sobre o desenvolvimento da sexualidade e da orientação afetivo-sexual na infância e na adolescência. Participaram desse estudo 8 jovens adultos, de ambos os sexos e de orientação afetivo-sexual heterossexual e homossexual. Cada participante foi entrevistado pessoalmente, buscando levantar junto a cada um a percepção sobre o período da infância e adolescência; a percepção sobre a relação com familiares; a educação sexual, abrangendo a percepção da educação sexual familiar e escolar e a influência na sexualidade; a percepção sobre sexualidade no desenvolvimento humano; e, por fim, a percepção sobre a sexualidade atual e expectativas futuras.

Outros trabalhos, de características sociais e demográficas, já foram realizados visando levantar essas características do processo do desenvolvimento, incluindo o desenvolvimento sexual, frente à grupos de adolescentes, adultos, homossexuais, etc. Dentre as inúmeras pesquisas realizadas acerca da temática da sexualidade, cabe destacar, num primeiro momento, a pesquisa realizada pela sexóloga norte-americana Shere Hite (The Hite Report – a nation study of female sexuality, 1976; The Hite Report On Male Sexuality, 1981), que concentrou-se, inicialmente, no estudo da sexualidade feminina, passando, posteriormente, para o estudo da sexualidade masculina. No que se refere a estudos realizados dentro da cultura brasileira, destaco os trabalhos realizados por Maria Luiza Heilborn, Estela M. L. Aquino, Michel Bozon e Daniela Riva Knauth; e Edith Modesto.

O primeiro estudo, intitulado “O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sócias de jovens brasileiros”, desenvolvido por Heilborn et al. (2006), reúnem os resultados gerais de entrevistas realizadas com 4.632 indivíduos (rapazes e moças), com idade entre 18 e 24 anos, entrevistas estas conduzidas por pesquisadores de universidades públicas de três capitais brasileiras (Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador). Essa pesquisa buscou descrever as características sociais e demográficas da juventude dessas cidades, abordando questões referentes ao início das atividades sexuais e gravidez adolescente. Já o segundo estudo, realizado por Modesto (2006), objetivou um levantamento acerca da cultura homossexual, entrevistando 89 participantes, de ambos os sexos, com idade entre 15 e 62 anos e de várias

regiões do Brasil, todavia concentrando a maior parte na região de São Paulo, capital. Através dessas entrevistas foi possível observar algumas características da infância, adolescência, a "descoberta" da homossexualidade, auto-aceitação, vida adulta, etc. Poderia citar tantos outros estudos (KINSEY, 1948; KINSEY, 1953; MASTERS;JOHNSON, 1966; MASTERS;JOHNSON, 1970; TREVISAN, 2007).

Contudo, o presente estudo pretende diferir-se dos demais uma vez que é norteado pelas propostas da análise do comportamento tratando a temática do desenvolvimento, assim como o desenvolvimento da sexualidade, como um comportamento. Essa visão, que foge do determinismo de outras correntes teóricas da Psicologia, busca fazer uma análise através de uma perspectiva multidisciplinar, levando em consideração características biológicas, processos de aprendizagem e análises culturais. Faz-se importante destacar, já num primeiro momento que comportamento, de acordo com os pressupostos da análise do comportamento, é visto como toda interação entre organismo e ambiente (SKINNER, 1979).

INTRODUÇÃO

1. O Desenvolvimento Humano e Sexual

1.1. Biologicamente Determinado ou Socialmente Construído? – A visão da análise do comportamento

Sexualidade é algo tão complexo e, em muitas situações, compreende as partes mais confusas da vida, não sendo específica para qualquer idade ou fase do desenvolvimento. Todavia, se faz importante, num primeiro momento, diferenciar que os conceitos de sexo e sexualidade, que muitas vezes são discutidos, no senso comum, como conceitos similares. Guimarães citado por Maia (2010) diferenciou os conceitos de sexo e sexualidade, conforme descrição a seguir:

> Sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para a reprodução. No mundo moderno o significado dominante do termo passa a ser fazer sexo, referindo-se às relações físicas para o prazer sexual. No senso comum sexo é "relação sexual", "orgasmo", "órgãos genitais", "pênis". Sexualidade é um termo também do século XIX, que surgiu alargando o conceito de sexo pois incorpora a reflexão e o discurso sobre o sentido e a intencionalidade do sexo. É um substantivo abstrato que se refere ao "ser sexual". Comumente é entendido como "vida", "amor", "relacionamento", "sensualidade", "erotismo", "prazer" (GUIMARÃES, 1995, apud MAIA, 2010).

Mas essa complexidade não se resume apenas ao desenvolvimento da sexualidade, mas também ao estudo da mesma. Nos primórdios do estudo do desenvolvimento humano e em decorrência o estudo do desenvolvimento da sexualidade, acreditava-se que esse desenvolvimento se dava como algo determinado, ou seja, que indivíduos do mesmo sexo compartilhavam de um mesmo padrão de desenvolvimento, não levando em consideração a influência de fatores históricos e/ou sociais nesse processo. Entretanto, partindo de uma perspectiva multidisciplinar, hoje se sabe que o desenvolvimento humano e

sexual apresenta características biologicamente determinadas, mas que acabam sendo “moldadas” pelos fatores ambientais, ou seja, por toda uma influência histórica, social e cultural (ARAÚJO, 1999; MAIA, 2010; PEDROSA, 2010; RIBEIRO, 2009). Conforme descreve Schlinger (1995, p. 15), “não há uma única teoria que tenha poder suficiente para prover um nível científico de entendimento suficiente acerca do desenvolvimento psicológico”. Na melhor das hipóteses, a sexualidade, visto que a mesma também é um comportamento, ela pode ser vista através de uma perspectiva multidisciplinar e holística, combinando fatores biológicos, psicológicos, sociais e cognitivos (SHARPE, 2003).

Ao tratar o desenvolvimento humano e o desenvolvimento da sexualidade como comportamento, utilizando-se da perspectiva da análise do comportamento, devemos rejeitar o mentalismo, ou seja, a introspecção como método de análise, conforme apresentou Watson (1913), no manifesto de 1913, intitulado “Psychology as a behaviorist views it” (Psicologia como um behaviorista a vê) (WATSON, apud CARRARA, 2005).

> A Psicologia, tal como o behaviorista a vê, é um ramo puramente objetivo e experimental da ciência natural. A sua finalidade teórica é a previsão e o controle do comportamento. A introspecção não constitui parte essencial dos seus métodos e o valor científico dos seus dados não depende do fato de se prestarem a uma fácil interpretação em termos de consciência... a Psicologia terá que descartar qualquer referência à consciência... ela já não precisa iludir-se crendo que seu objeto de observação são os estados mentais (WATSON, 1913 apud CARRARA, 2005, p. 30).

A análise do comportamento teve seu início principalmente decorrente dos experimentos realizados com animais, destacando principalmente: Edward Thordike (1898), com suas caixas problemas, onde formulou a lei do efeito, ou seja, a aprendizagem por tentativa e erro (1898); além de um dos mais famosos experimentos realizados em animais, o do fisiologista russo Ivan Pavlov (1902), que realizou experiências com cães sobre o reflexo condicionado. Dentre os principais pesquisadores da análise do comportamento, podemos destacar primeiramente John Watson (1878-1958),

com seu manifesto de 1913, que se opunha ao mentalismo e aderia ao evolucionismo biológico, o chamado behaviorismo metodológico, propondo a idéia do reflexo condicionado; e B. F. Skinner (1904-1990), considerado o behaviorista mais famoso e principal articulador teórico da análise do comportamento depois de Watson. Skinner é considerado o pai do behaviorismo radical, radical este não no sentido de extremismo, mas no sentido de considerar toda e qualquer produção humana como comportamento, introduzindo a idéia de comportamento operante, ou seja, o comportamento opera no ambiente não em função de um estímulo anterior, mas em função das conseqüências geradas por tal comportamento.

Retomando a discussão acerca do desenvolvimento humano, a compreensão do desenvolvimento e da adaptação de um indivíduo ao meio em que vive deve envolver a análise de todo o sistema de interações do mesmo, considerando não somente os processos que envolvem os membros de sua comunidade, mas também o ambiente como um todo (HAYDU, 2005). De acordo com Vasconcelos, Nanes e Ávila (2010):

> Especificamente sob a perspectiva analítico comportamental, o desenvolvimento é explicado a partir de mudanças em interações dinâmicas entre um indivíduo ativo e o ambiente, sendo este último constituído por diferentes condições de estimulação que adquirem uma função para o comportamento. [...] Desenvolvimento é então um processo de individuação, em que mudanças nas interações organismo-ambiente podem ser progressivas ou regressivas [...] sendo o produto final, relacionado diretamente à história ambiental, o desenvolvimento único, idiossincrático de um indivíduo particular, o que poderá, consequentemente, influenciar a evolução da cultura na qual ele está inserido (VASCONCELOS; NANES; ÁVILA, 2010, p. 126).

Ao discutir a sexualidade através da perspectiva da análise do comportamento fugimos de determinismos, mas sim buscamos apresentá-la, conforme mencionado anteriormente, como um comportamento. E o comportamento não é biológico, social ou historicamente determinado, e sim proveniente dessas três seleções. Os comportamentos (e nesse conjunto podemos incluir os comportamentos sexuais) são instalados e mantidos como

qualquer outro comportamento, regidos, em suma, pelas mesmas leis e pelos mesmos princípios fundamentais que explicam as ações humanas, ou seja, estão suscetíveis como todo e qualquer comportamento a herança genética (filogênese), aos eventos ambientais (ontogênese) e as práticas culturais da comunidade verbal (SKINNER, 1979). De acordo com Vasconcelos, Nanes e Ávila (2010, p. 27-28) "a idiossincrasia do desenvolvimento é representada pela integração de aspectos biológicos e comportamentais, sendo o primeiro referente à anatomia e fisiologia do organismo, enquanto o segundo refere-se a suas interações com pessoas, objetos e eventos".

Cabe nesse momento, antes de abordar questões referentes ao desenvolvimento humano, descrever algumas terminologias que são discutidas e associadas ao tratar da temática sexualidade, como: sexo biológico, ou seja, ser macho ou fêmea; orientação sexual (ou afetivo-sexual), referente à atração por pessoal do sexo oposto ou do mesmo sexo biológico; identidade de gênero, ou seja, ser homem ou mulher; e papel de gênero, que se refere a comportar-se de forma feminina, masculina ou andrógena (NUNAN, 2003). Entretanto, até o presente momento, as diferenças relacionadas ao sexo acabam sendo associadas, principalmente à distinção ou à relação sexual ou ao uso da palavra para definir o que uma pessoa deve fazer ou como se comportar para que seja considerada de um ou de outro sexo. Para essa distinção podemos aplicar o conceito Identidade de Gênero que, de acordo com Louro (2003, p. 22), "pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas, ou como são 'trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico'". De acordo com Ribeiro (2009) a formação da identidade de gênero é um aspecto básico do desenvolvimento da personalidade de cada indivíduo, que se inicia logo ao nascer, quando a criança é identificada como menino ou menina, integrando-se depois a outros aspectos do desenvolvimento. Essa diferenciação busca, dentre outros objetivos, rejeitar certo determinismo biológico ao se tratar da temática da sexualidade, dando também um caráter histórico e social das distinções relativas ao sexo. De acordo com Silva (1999) a formação da identidade de gênero, também apresentada como identidade sexual, é um aspecto básico do desenvolvimento da personalidade.

A jornada desse processo de desenvolvimento e diferenciação da sexualidade envolve características particulares de cada estágio do desenvolvimento humano, que exigirá, dentro de cada fase, uma análise criteriosa dos aspectos que compõe o comportamento sexual.

1.2. Da Concepção ao Nascimento

Conforme apresentado anteriormente, o desenvolvimento da sexualidade envolve uma série de fatores, sendo que cada período da vida traz os seus próprios objetivos e desafios, e que cada fase do desenvolvimento sexual age diretamente na forma como enfrentamos estes desafios.

O primeiro passo no desenvolvimento de um indivíduo, incluindo o desenvolvimento sexual, acontece no momento da concepção, onde um espermatozóide, dentre os milhões ejaculados pelo homem, penetra na parede do óvulo da mulher. A combinação dos genes do pai, contidos no espermatozóide, e da mãe, no óvulo, cria uma combinação genética, chamada de genótipo, que caracteriza aquele indivíduo recém concebido. Quando uma criança é concebida, os 23 cromossomas do óvulo e os 23 espermatozóides combinam-se para formar os 23 pares que serão parte de cada célula no organismo que recém está se desenvolvendo (BEE, 1994; SILVA, 1999). Em 22 dos pares de cromossomas (autossomas), os membros do par se parecem e contêm locais genéticos combinados, sendo que o par 23, no entanto, age diferentemente, pois são seus cromossomas que determinam o sexo da criança, chamados de cromossomas sexuais, aparecendo em dois tipos, conhecidos como cromossomas X e Y. Na mulher, esse padrão de cromossomas é XX, ou seja, tem dois cromossomas X no seu par de número 23. Já nos homens esse padrão de cromossomas se apresenta como XY. De acordo com Bee (1994) esse cromossoma que é determinante para determinar o sexo de uma criança é recebido através do espermatozóide, porém, em pesquisas recentes, foi descoberto que apenas uma pequena parte do cromossoma Y é que realmente determina a masculinidade, conhecido como TDF. Nas pesquisas realizadas foi constatado que óvulos fertilizados que são XY, porém carecem de TDF, desenvolvem-se, fisicamente, como mulheres.

De acordo com Kolodny, Masters e Johnson (1982), na seqüência usual da diferenciação humana, os fetos masculino e feminino genéticos são anatomicamente indistinguíveis durante as primeiras semanas de desenvolvimento, sendo que as gônadas começam a se organizar na sexta semana de gestação, ponto no qual elas diferenciam-se em testículos ou ovários. Durante a gestação, mais precisamente entre a quarta e oitava semana após a concepção, o hormônio masculino testosterona começa a ser secretado pelos testículos no embrião masculino e, caso esse hormônio não seja secretado ou aconteça em quantidades inadequadas, o embrião será "desmasculinizado", podendo até mesmo desenvolver genitálias femininas (BEE, 1994). De acordo com Silva (1983, p. 17) "após estabelecido o sexo genético e ter ocorrido a diferenciação interna dos órgãos reprodutores, chega a última etapa desse processo pré-natal, a formação e o desenvolvimento do aparelho genital externo". A autora afirma que:

> A influência dos fatores hormonais é evidente na fase pré-natal, onde ao mesmo tempo em que ocorre a diferenciação genital interna e externa, existe a ação direta dos hormônios na organização cerebral, principalmente no que se refere ao ritmo cíclico ou acíclico de funcionamento da hipófise. Assim, o efeito dos andrógenos se faz sobre a organização do hipotálamo, que exerce controle sobre a glândula pituitária (hipófise) a qual, por sua vez, estimula os ovários ou testículos a produzir hormônios sexuais apropriados. Controlando a elaboração de gonadotropinas de um modo cíclico ou acíclico, o hipotálamo faz prevalecer seu próprio modo de organização, ficando em descanso até a puberdade, quando ditará o ritmo sexual do indivíduo (SILVA, 1983, p. 19).

As influências pré-natais sobre a diferenciação sexual não terminam no nascimento. De acordo com Silva (1999) a genética e os hormônios predispõem certos aspectos na evolução pós-natal, porém, após o nascimento, a aprendizagem terá um importante papel nas etapas seguintes do desenvolvimento sexual do indivíduo. Porém, do nascimento em diante, a aprendizagem terá uma influência mais nítida no desenvolvimento sexual.

1.3. A Sexualidade na Infância

O precursor no estudo da sexualidade na infância foi Sigmund Freud (1856-1934) que através da sua teoria do desenvolvimento psicosexual propunha que a maturação do prazer muda de uma zona corporal para outra (da boca para o ânus e depois para os genitais), sendo de início esse prazer correlacionado ao comportamento de alimentar-se para depois, posteriormente, ser correlacionado à atividade sexual (PAPALIA, 2006). Entretanto, partindo o estudo da perspectiva analítico-comportamental, conforme destacado anteriormente, descartamos determinismos, ou seja, de que todos os indivíduos compartilham das mesmas características no seu desenvolvimento, e buscamos não só considerar os fatores biológicos de cada indivíduo, como também os contextos sociais e culturais onde está inserido.

Mas há um consenso: desde que a criança nasce ela começa a viver sua sexualidade. De acordo com Nunes e Silva (2006, p. 52), "a criança sente-se simultaneamente mais sexual à medida que estabelece as mais rudimentares freqüências para a percepção corporal, seja no tocar-se seja no ser tocada". Os meninos podem apresentar ereção desde o nascimento e nas meninas, já as primeiras vinte e quatro horas após o nascimento, pode ser observada a lubrificação vaginal. Por isso que as crianças, no seu primeiro ano de vida, tendem a concentrar a exploração do seu corpo nos órgãos sexuais. A partir dessas experiências, somadas com as influências do meio sociocultural, que é formada a identidade sexual da criança, ou seja, a forma como os pais e/ou responsáveis percebem a exploração da criança e lidam com a mesma, influencia diretamente no seu desenvolvimento. Ribeiro (2009, p. 46) afirma que "estudos mostram que bebês cujo comportamento foi aceito naturalmente nas etapas de seu crescimento chegaram à idade adulta com muito menos sentimento de culpa, vergonha do corpo ou ansiedade do que os que só sofreram proibições".

Já a partir do terceiro ano de vida a criança começa a apresentar uma curiosidade acerca das diferenças, abordando já nesse período o assunto da sexualidade com interesse. A partir desse interesse que a criança começa a

desenvolver sua identidade sexual (ou de gênero), através das descobertas do próprio corpo e, principalmente, dos órgãos sexuais (RIBEIRO, 2009). Essas descobertas se voltam também ao corpo dos "coleguinhas" e, principalmente, acerca das diferenças sexuais, ou seja, por que os meninos têm pênis e as meninas têm vulva? De acordo com Nunes e Silva (2006):

> A criança formula algumas teorias a partir das suas próprias curiosidades que são fundamentalmente resumidas em três vertentes: a curiosidade quanto aos órgãos genitais dos que rodeiam na vida cotidiana, a curiosidade de entendimento da relação sexual dos pais e a necessidade de saber de onde vêm os bebês" (NUNES; SILVA, 2006, p. 53).

A partir do sexto ano de vida das crianças começamos a perceber um rápido desenvolvimento social. Os vínculos de amizades e seus interesses começam a se tornam proeminentes nesse período, havendo ainda bastante distinção entre os gêneros, ou seja, existe o grupo dos meninos e o grupo das meninas. A convivência dentro desse grupo também apresenta um importante papel no desenvolvimento da identidade sexual da criança, pois a partir desse momento os modelos não são apenas os pais, mas também o grupo de "amiguinhos". Cabe-se destacar nesse momento que a aprendizagem, através da observação de modelos comportamentais, é denominada de modelação, definida por Mikulas (1977, p. 111) como "uma mudança no comportamento, em decorrência da observação, também descrita como imitação, identificação, aprendizagem por observação [...]". De acordo com Ribeiro (2009, p. 65) "a convivência em grupo permite que a criança solidifique sua própria identidade, incluindo sua identidade sexual". Com relação à sexualidade, as explorações ainda continuam e episódios de masturbação podem se intensificar durante esse período.

Ao se aproximar dos 10 ou 12 anos, tantos os meninos quanto as meninas começam a apresentar as transformações físicas características do amadurecimento sexual. Essas características fisiológicas e psicológicas serão melhores descritas posteriormente.

Como vimos até o presente momento, o desenvolvimento sexual envolve, conforme apresentado, processos fisiológicos, como também os

processos psicológicos. De acordo com Silva (1999, p. 44) “a parte fisiológica do processo encontra-se hoje mais claramente definida que a psicológica, pois essa última, além de seus próprios enigmas, recebe fortes influências do meio sociocultural no qual o indivíduo se desenvolve”. E é durante a infância que começamos a receber essa influência cultural, onde se inicia também uma definição da identidade de gênero, através da relação da criança com o contexto onde ela está inserida, ou seja, através de um processo sociocultural. Ribeiro (2009) aponta que o modo como os pais e/ou responsáveis criam seus filhos vai definindo, desde cedo, o que é próprio de homem e o que é próprio de mulher, segundo os critérios de nossa sociedade. Meninos e meninas, desde cedo recebem brinquedos e roupas diferentes, consideradas próprias para cada sexo. De acordo com Silvares (2002, p. 115) “é essa identidade que faz com que as pessoas de um determinado sexo ajam e assumam papéis sociais definidos socialmente, de acordo com suas características sexuais definidas geneticamente para elas”. Com base em estudos realizados pela autora, o quadro a seguir visa ilustrar as diferentes fases do desenvolvimento sexual infantil:

PRIMEIRA INFÂNCIA - DO NASCIMENTO ATÉ DOIS ANOS	
Conhecimento Sexual	***Comportamento Sexual***
✓ As origens da identidade de gênero.	✓ Exploração Sexual.
✓ As origens da auto-estima.	✓ Ereção peniana e lubrificação vaginal.
✓ Aprendizagem dos nomes para as partes do corpo, incluindo genitais.	✓ Experiência de prazer genital.
✓ Uso de palavras vulgares.	✓ Toca partes sexuais dos outros.
	✓ Aprecia nudez e tira roupa em público.
SEGUNDA INFÂNCIA - DOS TRÊS AOS CINCO ANOS	
Conhecimento Sexual	***Comportamento Sexual***
✓ Permanência de gênero estabelecida.	✓ Masturba-se por prazer e pode experimentar orgasmo.
✓ Diferenças de gênero são melhor compreendidas.	
✓ Limitada informação acerca de gravidez e nascimento.	✓ Pode ter brincadeiras sexuais com colegas e irmãos; ✓ Pode exibir seus genitais; pode explorar os próprios genitais e os dos outros;

	✓ Pode tentar intercurso.
✓ Sabe nomes corretos de partes do corpo, mas prefere usar termos vulgares.	✓ Aprecia nudez e tira roupa em público.
✓ Usa as funções de eliminação (urinar, evacuar) com partes sexuais.	✓ Usa palavras de eliminação (urinar, evacuar) com colegas.
TERCEIRA INFÂNCIA - DOS SEIS AOS DOZE ANOS	
Conhecimento Sexual	***Comportamento Sexual***
✓ Bases genitais para gênero são completadas.	✓ Brincadeiras sexuais com colegas e irmãos; ✓ Fantasias sexuais e brincadeira de sexo; ✓ Beijos mútuos, masturbação, intercurso simulado, brinca de médico.
✓ Pode usas corretamente os nomes para as partes sexuais, porém prefere usar palavras vulgares; ✓ Aumento do conhecimento sobre comportamento sexual, masturbação e relação sexual.	✓ Masturbação privada.
✓ Conhecimento de aspectos físicos da puberdade por volta da idade de 10 anos.	✓ Mostra modéstia, embaraço; ✓ Oculta jogos sexuais e masturbação dos adultos; ✓ Começo das mudanças sexuais; ✓ Pode haver início da menstruação; ✓ Os meninos podem experimentar os primeiros sonhos com polução.

Quadro 1 – Desenvolvimento Sexual Normal (Silvares, 2002)

Vale ressaltar que as características do desenvolvimento sexual infantil apresentadas pela autora no quadro anterior referem-se a padrões comportamentais típicos de países de origem anglo-saxônica, como, por exemplo, a apreciação por tirar a roupa em público, comportamento esse que não se aplica aos países de origem latina, como no caso o nosso. Os dados apresentados têm um caráter ilustrativo, fugindo de determinismos, pois levando em consideração os três níveis de seleção do comportamento (filogênese, ontogênese e cultura) é inviável generalizar esses processos e conhecimento e comportamento sexual como um desenvolvimento normal, ou seja, que todos os indivíduos passem por esses processos ou compartilhem dessas características.

1.4. A Sexualidade na Adolescência

A adolescência é o momento onde, através do funcionamento das gônadas masculinas ou femininas, inicia-se o aparecimento das características sexuais secundárias (SILVA, 1984), como o crescimento dos pêlos pubianos, aumento do tamanho dos órgãos genitais, modificação no timbre da voz, além do início da capacidade reprodutiva para homens e mulheres. Faz-se importante nesse momento diferenciar os conceitos de adolescência e puberdade, conforme proposto por Pereira (2005):

> A adolescência é um constructo teórico referente a um processo, e não um estado, caracterizado pelas mudanças psicológicas que ocorrem num período de transição entre a infância e a idade adulta. A adolescência se inicia com a puberdade, período de rápido crescimento físico e mudanças fisiológicas que levam à maturidade sexual (PEREIRA, 2005, p. 01).

De acordo com Castañeda (2007, p. 84) "o processo de formação da sexualidade começa a surgir na infância, mas é na adolescência, fase que é a primeira etapa no desenvolvimento da identidade sexual". Papalia (2006, p. 483) complementa afirmando que é "na adolescência que a orientação sexual de uma pessoa geralmente torna-se uma questão premente: se aquela pessoa sentirá consistente atração sexual, amorosa e afetiva por pessoas do sexo oposto (heterossexual) ou do mesmo sexo (homossexual) ou de ambos os sexos (bissexual)". Esse "determinismo" apresentado, de que a atração sexual se dá no período referente à puberdade e adolescência, é regido em parte por aspectos orgânicos e hormonais característicos da puberdade, somado ao que foi aprendido pelo adolescente até o presente momento, ou seja, que a adolescência seria o período para namorar, além da influência dos pais e/ou pares. Ou seja, novamente de acordo com os pressupostos do behaviorismo, esse processo se dá de acordo com as características filogenéticas, ontogenéticas e das praticas da comunidade verbal. Nesse período, o adolescente começa a perceber que seus interesses, ou seja, seus desejos,

que podem parecer ou não com os desejos de seus colegas e, dependendo de como esse processo ocorrer, pode começar a se sentir diferente dos demais.

De acordo com Sharpe (2003), existem quatro etapas para o desenvolvimento sexual do adolescente, compostos pela pré-adolescência, adolescência precoce, meio da adolescência e adolescência tardia:

a) *Pré-adolescência*: é o período em que há um baixo investimento físico e mental na existência das relações sexuais. A pré-adolescência ocorre normalmente antes dos 10 anos de idade, quando são coletadas informações morais e mitos sobre a sexualidade através dos amigos, escola e família. Este é também o momento da compreensão da personalidade humana, incluindo suas motivações, emoções, intenções e interações. A identidade sexual é normalmente estabelecida durante este período, o que leva os pré-adolescentes a formarem grupos com indivíduos do mesmo sexo. Nessa fase a influência dos pares se torna muito mais significativa para o desenvolvimento do pré-adolescente, o que pode acarretar em conflito com os pais.

b) *Adolescência Precoce*: nesse período, que ocorre entre as idades de 10 a 13 anos, ocorre o início amadurecimento físico, caracterizado por um aumento na produção de estrógeno e testosterona em ambos os sexos. Acompanhando deste aumento repentino, inicia-se também uma extrema preocupação e também curiosidade sobre seus próprios corpos e os dos seus pares. Nessa fase é comum ocorrer os episódios de masturbação e fantasias sexuais, onde os meninos podem experimentar a masturbação isolada ou em grupos de garotos com a mesma idade (COLL; MARCHESI; PALÁCIOS, 2004).

c) *Meio da Adolescência*: essa fase, que contempla as idades entre 14 a 17 anos, é marcada pelo pleno amadurecimento físico, onde o namoro torna-se uma parte muito importante entre as interações sociais e freqüentemente levam às primeiras relações sexuais.

d) *Adolescência Tardia*: essa é, provavelmente, a mais incerta de todas as etapas do desenvolvimento sexual dos adolescentes, começando aos 17 anos e terminando em momentos diferentes, dependendo, e muito, do nível de dependência que se mantém entre o adolescente e seus pais. O desenvolvimento sexual está mais associado ao seu contexto social e cultural do que propriamente com sua idade, sendo que esses jovens adultos já

alcançaram seu completo amadurecimento físico e sexual. Sendo assim, seu comportamento sexual se torna mais expressivo e menos exploratório, e seus relacionamentos íntimos estão em constante desenvolvimento.

1.5. Homossexualidade e diversidade sexual

O termo “homossexualidade” surgiu no século XIX, introduzido pelo médico húngaro Benkert que, apesar de sua conotação clínica, passou a significar a realidade humana total daquelas pessoas, cujo impulso sexual se orienta para pessoas do mesmo sexo (VIDAL, 1985). Outros termos associados a homossexualidade são gay, homossexual e homossexualismo (pouco utilizado devido ao sufixo “ismo” que transmite uma conotação de doença). Na década de 60, alguns homossexuais norte-americanos mudam de designação, ou seja, ao invés de “homossexuais”, que possui uma conotação médica ligada à perversão, eles preferem a denominação “gays”, sendo mais neutra e designando uma cultura específica e positiva (NUNAN, 2003).

De acordo com Matias (2007), em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade dos seus critérios de diagnóstico das doenças mentais, dois anos mais tarde a Associação de Psicologia chegou à mesma conclusão. Desde que a maior parte dos governos ocidentais deixou de considerar como patologia as identidades gay, lésbica e bissexual, muitos países produziram assim uma legislação protetora, e isto contribuiu para que se criasse uma nova legitimidade relativa à expressão cultural desses indivíduos (PEREIRA, 2005).

Já em 1999, o Conselho Federal de Psicologia, através da resolução CFP nº 001/99, estabelece as normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Com relação à resolução, cabe-se destacar:

> O Conselho Federal de Psicologia, no uso de suas atribuições legais e regimentais, considerando que o psicólogo é um profissional da saúde; (...) considerando que a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade; considerando que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão; (...)

> considerando que a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações; Resolve: Art. 1° - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade. Art. 2° - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas. Art. 3° - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados. Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades. Art. 4° - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica. (...) (Resolução CFP Nº 001/99 de 22 de março de 1999).

Existe atualmente uma discussão acerca da melhor terminologia a ser utilizada, que propõe a substituição ou não do termo homossexual por homoerótico (COSTA, 1992; MOTT, n.d.), por acreditar que o homoerotismo transmite uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos das pessoas “same-sex oriented”, todavia, conforme afirmam Farias e Maia (2009), o uso do termo homossexualidade ainda é mais utilizado na literatura.

A orientação afetiva e sexual que pode ser homossexual ou heterossexual nos parece uma questão individual que, no entanto, é permeada por questões sociais e culturais que direciona em diferentes meios uma imagem padronizada e tradicional de heteronormatividade, imposta pelas relações da sociedade em que vivemos (MAIA; MAIA, 2009). Entendemos por heteronormatividade padrões culturais que, através de práticas sociais, punem ou agem de forma coercitiva frente a qualquer pessoa que não se comporte de acordo com os pressupostos heterossexuais, ou seja, que se diferencia da díade macho-fêmea, homem-mulher.

1.5.1. A Homossexualidade – estudos sobre possíveis causas

Existem inúmeros estudos que buscam levantar quais seriam as possíveis causas do surgimento e desenvolvimento da homossexualidade (BERNS, 1994; GUILHARDI, 2007; PEDROSA, 2006; SOLER, 2005), entretanto esse não é o objetivo do presente trabalho. O certo é existem inúmeros estudos sobre qual (ou quais) é a causa da homossexualidade, mas ainda não existe um consenso no meio científico. Todavia, ao abordar a temática da orientação afetivo-sexual homossexual, se faz necessário apresentar alguns desses estudos, de uma forma bastante resumida.

Uma primeira hipótese com relação a uma possível causa da homossexualidade quanto orientação afetivo-sexual, parte do pressuposto dos papéis dos hormônios durante o desenvolvimento do indivíduo, tendo como início o período pré-natal. De acordo com Soler (2005, p. 165), "a investigação sobre o papel dos hormônios na orientação sexual tem sido focada sobre funções da testosterona, do estrogênio e andrógenos. Uma hipótese comum tem sido de que os homens homossexuais têm níveis mais elevados estrogênio e níveis mais baixos testosterona, num comparativo com os homens heterossexuais". De acordo com Berns (1994, p. 605) "evidências mostram que também as mulheres homossexuais apresentam uma quantidade maior do hormônio masculino testosterona, do que comparado com as mulheres de orientação afetivo-sexual heterossexual".

Outra evidência apontada pela autora se refere à região cerebral que governa o comportamento sexual, o hipotálamo, que nos homens homossexuais tem a forma anatômica usualmente encontrada em mulheres, em vez da forma típica de homens heterossexuais (BERNS, 1994).

No início da década de noventa, o Dr. Simon LeVay, do Instituto Salk da Califórnia, nos Estados Unidos, comprovou a hipótese de que o núcleo intersticial do hipotálamo anterior (NIHA-3) é grande em homem heterossexual e mulher homossexual, e pequeno em mulher heterossexual e homem homossexual. Este núcleo faz parte de estruturas do hipotálamo que regulam, entre outros, fome, sede, funções sexuais, temperatura e certos hormônios. Essa descoberta de quem um núcleo difere em tamanho entre homens

heterossexuais e homossexuais ilustra a possibilidade de que a orientação sexual nos humanos pode ser receptível ao estudo em nível biológico (PEDROSA, 2006).

Alguns especialistas afirmam que homossexualidade está ligada diretamente a uma possível causa genética. De acordo com Soler (2005, p. 167), “no seu estudo realizado com os genes de alguns gêmeos, os resultados sugerem a possibilidade de que a hereditariedade pode ser um fator que afete a orientação sexual”. Esses estudos pretendiam demonstrar através de uma análise de ligação genética com marcadores moleculares no cromossoma X que os homens homossexuais possuem familiares homossexuais também masculinos por parte de sua família materna. Se o cromossoma X contém um gene que aumenta a probabilidade de um homem (XY) ser homossexual e, em seguida, os rapazes homossexuais que foram geneticamente relacionados deveriam compartilhar de marcadores relacionados ao cromossoma X que estava localizado numa posição próxima a esse gene. Em contrapartida, se este gene não existisse, não poderia ser encontrada nenhuma correlação estatisticamente significativa entre a orientação sexual da homossexualidade e os marcadores do cromossomo X.

Soler (2005) aponta uma pesquisa realizada por Hamer e colaboradores no ano de 1993, onde foram utilizados 22 marcadores moleculares do cromossomo X, sendo estudado em 40 pares de irmãos gays pertencentes a famílias que não apresentaram indícios de transmissão materna. Os resultados revelaram que havia 5 marcadores pertencentes a região Xq28, que em 33 dos 40 pares de irmãos analisados, apresentavam uma mesma característica com relação a sua orientação homossexual, enquanto os 17 marcadores restantes mostravam total falta de ligamento com o comportamento homossexual. A análise genética realizada indicou um nível de significância estatística de mais de 99% dos quais pelo menos um tipo de comportamento homossexual masculino é geneticamente influenciada. Em contrapartida, a presença de 7 pares de irmãos homossexuais nos quais não houve ligação entre os marcadores na região Xq28 e a orientação sexual, pode ser explicado por uma eventual recombinação entre o marcador e o lócus do gene responsável pelo comportamento homossexual, pela heterogeneidade genética ou causas não

genéticas que produzem uma variação na orientação sexual. De qualquer maneira, a probabilidade de ser apenas coincidência a ligação dos 33 pares de irmãos homossexuais e não nos outros 7 pares, é de 1 a cada 200. Além disso, essa região não contém informações sobre a influência genética sobre na orientação sexual das mulheres. Estes resultados podem sugerir a influência da região Xq28 na orientação sexual, mas essa região é constituída por cerca de quatro milhões de pares bases, ou seja, pode conter várias centenas de gene, por isso é prematuro afirmar que existe um gene específico para isso.

A resposta à questão científica do que provoca a homossexualidade permanece tão complexa quanto incerta, sendo que a psicologia e até mesmo a biologia, com suas diferentes visões da natureza humana, não tem conseguido responder. Novamente, partindo dos pressupostos da análise do comportamento, Guilhardi (2007) afirma que:

> Não existe dentro da pessoa uma entidade chamada homossexualidade, a qual seria responsável pelos atos, fantasias, desejos, sentimentos, etc., homossexuais. O que existem são comportamentos e sentimentos que podemos, provisoriamente, rotular com o adjetivo homossexual, sem que tal adjetivo implique em nenhum julgamento ético ou de valor moral. Os comportamentos e sentimentos homossexuais são instalados e mantidos como qualquer outro comportamento. São regidos, em suma, pelas mesmas leis e pelos mesmos princípios fundamentais que explicam as ações humanas, ou seja, estão suscetíveis como qualquer comportamento à herança genética (filogênese), aos eventos ambientais (ontogênese) e às práticas culturais da comunidade verbal (GUILHARDI, 2007).

1.5.2. O processo de reconhecer-se homossexual

O processo da formação da sexualidade é determinante para que o indivíduo saiba de que maneira irá viver, e também, a qual grupo pertencerá. Pedrosa (2010) aponta a “disparada” à identidade heterossexual ou homossexual aos cinco anos de idade, com base nas contingências de reforço, que faz com que a orientação sexual vá se fixando no repertório comportamental da criança. Entende-se contingência como a relação que

existe entre as estimulações ambientais e as respostas do organismo ou pessoa, ou seja, a relação de dependência entre eventos ambientais, a resposta do organismo e a conseqüência reforçadora (PEDROSA, 2010).

De acordo com Pereira (2005) este processo de construção da identidade é um processo de auto-classificação no qual o indivíduo reconhece e aplica um rótulo. Desenvolver uma identidade sexual envolve a análise e confirmação de sentimentos, um processo que pode ser particularmente problemático para alguém que esteja desenvolvendo uma identidade homossexual. Este é o mesmo tipo de processo vivido pelos adolescentes heterossexuais, embora os adolescentes homossexuais possam apresentar dificuldades neste momento, especialmente pela falta de um modelo positivo de comportamento, e, em muitas vezes, pela falta de oportunidade em conhecer outras pessoas que se encontrem posição semelhante. A adolescência para os heterossexuais é uma fase de treino das ligações afetivas e sexuais, incentivada pela família, pelos amigos e pela sociedade, enquanto que para os adolescentes homossexuais resta o oposto disso tudo, ou seja, a proibição, a culpa, a negação e a fuga de seus atos e sentimentos (PICAZIO, 1998). Diferentemente dos heterossexuais, o jovem homossexual não foi educado para ser homossexual, e por isso lhe falta todo um repertório que será necessário no seu contexto, ou seja, no contexto homossexual (HARDIN, 1999).

O processo de desenvolvimento de uma identidade homossexual é chamado de saindo do armário (do inglês “coming out”) e, em parte, exige uma bem sucedida resolução da homofobia internalizada[1] (WILSON, 1999). O autor (WILSON, 1999, p. 560) descreve o “sair do armário” como sendo um “processo complexo de transformações interpessoais, muitas vezes começando na adolescência e continuando na idade adulta, que os conduzirá, acompanhando os eventos associados com reconhecimento de uma única orientação sexual”. O autor enumera seis etapas que compreendem a formação de uma identidade sexual homossexual, processo esse que inclui a

[1] Resolução dos próprios preconceitos acerca da homossexualidade, decorrente principalmente das práticas culturais.

integração da identidade privada (pessoal) com a identidade pública (social), conforme o quadro a seguir:

Confusão da Identidade	O reconhecimento da consciência de algum tipo de atração aos estímulos do mesmo sexo. Isto pode levar a uma identidade potencialmente homossexual.
Comparação da Identidade	O indivíduo tem um sentimento de não pertencer à sociedade em geral ou a subgrupos específicos, como a família e os pares.
Tolerância da Identidade	Com o final da fase 2, deixa de se perceber quanto heterossexual e começa ter uma imagem de si como um indivíduo homossexual. Nesta fase a atração pelo mesmo sexo começa a ser tolerada.
Aceitação da Identidade	Continua e aumenta o contato com outros indivíduos homossexuais e a subcultura homossexual vai servir para validar e normalizar homossexualidade como uma identidade e um estilo de vida.
Orgulho da Identidade	O indivíduo entra na fase consciente de sua própria orientação e da rejeição que pode vir a ter da sociedade. Para minimizar esse conflito, faz uma distinção entre a importância do "heterossexual" e "homossexual", respeitando mais este último.
Síntese da Identidade	O indivíduo deve estar ciente de que o ponto de vista negativo dos heterossexuais não é verdade. Embora não seja aceito por todos os heterossexuais, sua identidade homossexual é integrada com seus outros aspectos.

Quadro 2 – Seis fases da formação da identidade homossexual (WILSON, 1999).

As etapas que compõe o quadro acima servem para ilustrar como pode ocorrer a formação de uma identidade homossexual. Contudo, partindo dos pressupostos da análise do comportamento, o conteúdo acima serve apenas para esboçar esse processo, não sendo possível generalizar esse processo, ou seja, não podemos afirmar que essas fases transcorrem da mesma forma para todos os indivíduos apresentem padrões comportamentais homossexuais, pois devemos levar em consideração fatores biológicos, entre eles ser macho ou fêmea (filogênese); a aprendizagem (ontogênese); além da comunidade verbal onde esse indivíduo está inserido, fatores esses que nos impedem de qualquer

tipo de generalização. De acordo com Skinner (1974) as práticas da comunidade verbal, ou seja, da cultura, são determinantes para que o indivíduo se “explique” para si mesmo e para os outros.

> Diferentes comunidades geram tipos e quantidades diferentes de autoconhecimento e diferentes maneiras de uma pessoas explicar-se a si mesma e aos outros. Algumas comunidades produzem a pessoa profundamente introspectiva, introvertida ou voltada para dentro; outras produzem o extrovertido sociável [...] (SKINNER, 1974, p. 146).

A comunidade verbal exerce um controle ético sobre cada um dos seus membros através, principalmente, de seu poder de reforçar ou punir (SKINNER, 1979). Mas será que o jovem homossexual sabe de que maneira irá viver, ou seja, qual a melhor maneira de se comportar? Esconde-se e com isso se frustra por manter um padrão que não condiz com o que deseja ou abre e fica disposto a correr os riscos que essa decisão possa vir a acarretar? Um exemplo sendo que um indivíduo pode ter um aspecto a ter uma identidade homossexual e de comportamento em alguns casos, enquanto em outros, eles aparecem para manter uma identidade heterossexual. Uma vez se sentindo diferente e não tendo seus gostos compartilhados pelos pares, o jovem homossexual opta por reservar-se para não sofrer qualquer tipo de punição, ou adota conduta e atitudes heterossexuais, para mostrar aos demais que é “normal”, sendo que na maioria das vezes essas experiências só servem para comprovar que realmente não sentem nada pelo sexo oposto. Segundo Nunan (2003, p. 127) “não são muito difíceis de achar nessa fase, adolescentes homossexuais que escondem ou negam a sua orientação sexual, mantendo comportamentos heterossexuais, com o intuito de evitar punições ou ‘chacotas’ dos demais”.

Seja qual for a condição, haverá um reflexo nas suas relações com os demais, pois ou representará um papel que na realidade não cabe a ele ou arca com o preconceito que possa existir decorrente da decisão que tomou. Pode demonstrar sua orientação apenas na presença de pessoas mais próximas, aparentando em outras situações como, por exemplo, no ambiente de trabalho, um padrão de comportamento heterossexual (CASTAÑEDA,

2007). Um heterossexual pode sempre apresentar comportamentos que podem ser definidos num primeiro momento como heterossexuais, pois em suas relações sociais, profissionais e familiares, sua orientação sexual sempre será parte de sua identidade sexual. Já o homossexual nem sempre comportar-se ou apresentar comportamentos ditos homossexuais, pois assim ficaria suscetível às contingências aversivas, ou seja, estaria sujeito a situações de preconceito e/ou agressões, sejam elas físicas ou verbais. Essa internalização, ou melhor, esse condicionamento do padrão heternormativo que causa medo da punição social e dificulta a pessoa assumir-se publicamente, podendo gerar sofrimento e desajuste em todo o processo de desenvolvimento e educação sexual. Com relação à possíveis dificuldades, Martell, Safren e Prince (2004) realizaram um levantamento junto ao público homossexual nos Estados Unidos.

> Indivíduos homossexuais continuam a sofrer problemas de abuso físico ou psicólogo, principalmente de indivíduos heterossexuais. É estimado que um em três homossexuais tentam suicídio, como resultado de problemas na família associado com suas orientações sexuais. Um em cada três homossexuais é abusado moralmente por um membro da família, e um em cada dez é abusado fisicamente nesse mesmo contexto. No contexto da escola, um em cada quatro homossexuais sofre algum tipo de abuso físico, o que pode acarretar em quadros de estresse pós-traumático, ansiedade, depressão ou uso de substâncias[2] (MARTELL, SAFREN; PRINCE, 2004, p. viii).

Diante dessas considerações sobre o desenvolvimento da sexualidade na infância e adolescência, bem como os processos de educação sexual que normatizam a orientação-sexual, podemos pensar como as pessoas heterossexuais ou homossexuais relatam sobre essa influência na construção de sua própria sexualidade?

[2] De acordo com os autores citados, o uso de substâncias é correlacionado à dependência ao álcool, ou seja, o alcoolismo.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

- Investigar, por meio de relatos de jovens homossexuais e heterossexuais a opinião sobre o desenvolvimento da sexualidade e da orientação afetivo-sexual na infância e na adolescência.

Objetivos Específicos

- Identificar a opinião dos jovens sobre o seu desenvolvimento sexual na infância e na adolescência;
- Levantar informações sobre a educação sexual e fontes de informação sobre sexualidade que os jovens receberam na família e na escola;
- Analisar como os jovens relatam a vivência da sexualidade e da orientação afetivo-sexual.

MÉTODO:

Participantes

Participaram deste estudo oito jovens adultos, de ambos os sexos, sendo quatro participantes que se reconhecem e se assumem "heterossexuais" e outros quatro participantes que reconhecem e assumem "homossexuais'. O critério para participar da pesquisa era ter a idade de 18 a 30 anos de idade, pois acreditamos que assim o relato das situações levantadas se aproximaria mais do momento o qual os participantes estão vivenciado hoje.

Para garantir o anonimato dos participantes, todos foram identificados apenas com as suas duas primeiras iniciais dos seus nomes. A idade dos participantes variava entre 22 e 28 anos. Com relação à ocupação dos mesmos, quatro participantes eram psicólogos, e uma estudante de psicologia. Os demais apresentam as seguintes ocupações: professor de teatro, turismóloga e jornalista. A Tabela 1 descreve as características dos participantes:

Participantes	Sexo	Idade	Religião	Ocupação	Condição sócio-econômica	Orientação afetivo-sexual
LA_HOMO_M	Masc	26	Espírita	Psicólogo	Média	Homossexual
GG_HOMO_M		22	Espírita	Professor de teatro	Média	Homossexual
MK_HETERO_M		24	Católica	Psicólogo	Média	Heterossexual
BM_HETERO_M		25	Ateu	Psicólogo	Média	Heterossexual
LE_HOMO_F	Fem	28	Católica	Turismóloga	Média	Homossexual
MA_HOMO_F		22	Umbanda	Jornalista	Média/alta	Homossexual
CS_HETERO_F		22	Católica	Estudante de Psicologia	Média/alta	Heterossexual
LS_HETERO_F		26	Indefinida	Psicóloga	Média/alta	Heterossexual

Tabela 1 – Caracterização dos participantes

Local

As entrevistas foram realizadas no consultório particular de Psicologia do presente pesquisador, localizado na cidade de Curitiba-PR, numa sala reservada, livre de ruídos sonoros e com privacidade. O horário e local foi agendado previamente e acordado entre pesquisador e participante.

Instrumentos

- *Roteiro de entrevista estruturado*

O roteiro de entrevista foi elaborado com o objetivo de levantar as informações sobre os dados dos participantes e seus familiares; descrição da infância e adolescência, incluindo suas relações com pares e familiares; descrição da sexualidade em questão, como esse processo se iniciou, desenvolveu-se e se apresenta atualmente; expectativas quanto à própria sexualidade e os demais. Era composto por 35 questões abertas, podendo, como roteiro, serem incluídas outras na interação da entrevista. Este roteiro foi baseado no trabalho de conclusão de curso da especialização em Psicologia Clínica: Terapia Comportamental e Cognitiva do autor da presente pesquisa, intitulado "*UM LEVANTAMENTO SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA SEXUALIDADE: DIFERENTES REALIDADES*". Cabe destacar que houve um estudo preliminar, no ano de 2008, onde participaram 8 jovens adultos, do sexo masculino e de orientação afetivo-sexual heterossexual e homossexual, com o objetivo de levantar o processo da formação da identidade sexual de jovens do sexo masculino. O estudo encontra-se disponível na biblioteca física da Faculdade Evangélica do Paraná, localizada na cidade de Curitiba-PR.

A adaptação deste roteiro de entrevista estruturado foi realizada pelo presente aluno sob a orientação da professora, e também orientadora, Prof[a] Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia. Um modelo do roteiro de entrevista estruturado se encontra no APÊNDICE 2 do presente trabalho.

Procedimentos

Procedimentos Éticos

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Estadual Paulista – Campus Bauru e obteve aprovação (processo n° 2332/46/01/09). A aprovação encontra-se em anexo (ANEXO 1). Além disso, para todos os participantes foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, os procedimentos envolvidos para solicitação de autorização assinada (termo de consentimento, em anexo), que sua participação foi voluntária. Um modelo do termo encontra-se no APÊNDICE 1.

Procedimentos de Coleta e análise de dados

O critério de inclusão dos participantes foi que deveriam ser adultos, com idade entre 18 e 30 anos, pois, conforme mencionado anteriormente, acreditamos que assim o relato das situações levantadas se aproximaria mais do momento o qual os participantes estão vivenciado hoje, e assumir-se heterossexual ou homossexual. A seleção foi feita por indicação e no caso de homossexuais, também foi solicitado junto a organizações não-governamentais (ONGs) que trabalham com o público GLBT, participantes para serem convidados. Trata-se, portanto, de uma amostra de conveniência.

O primeiro contato foi realizado via telefone, onde foram agendadas entrevistas individuais com cada um dos participantes. Os participantes só responderam a entrevista após concordarem e assinarem termo de consentimento informado. As entrevistas foram realizadas individualmente e todas foram gravadas, para posterior transcrição e análise. A partir da transcrição, os relatos foram agrupados em categorias de análise, seguindo os procedimentos na análise qualitativa, por meio da analise de conteúdo, tal como propõe Bardin citado por Baptista (2007), que conceituou a análise de conteúdo como “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BARDIN, 1977 apud BAPTISTA, 2007, p. 267).

RESULTADOS E DISCUSSÂO

Para uma melhor compreensão dos resultados que surgiram nas entrevistas realizadas, se faz necessário visualizar a organização dos dados obtidos. As informações a seguir contemplam as respostas selecionadas através de cada entrevista (APÊNDICE 3), seguida da análise do discurso das informações levantadas.

Para facilitar a compreensão, as informações foram subdivididas em cinco categorias:

1. Relatos sobre o período da infância e adolescência;
2. Relatos sobre a relação com familiares;
3. Educação sexual: relatos sobre a educação sexual familiar e escolar e a influência na sexualidade;
4. Relatos sobre sexualidade no desenvolvimento humano;
5. Relatos sobre a sexualidade atual e expectativas futuras.

A *categoria 1 – Relatos sobre o período da infância e adolescência* inclui os relatos que dizem respeito à descrição dos participantes do período relativo à infância e adolescência, referindo-se, principalmente, a percepção das relações com familiares e pares durante esses períodos do desenvolvimento.

A *categoria 2 – Relatos sobre a relação com familiares* contém os relatos que se referem à percepção dos participantes na relação com os pais, na relação dos pais entre si, assim como na relação com os demais familiares.

A *categoria 3 – Educação sexual: relatos da educação sexual familiar e escolar e a influência na sexualidade* compreende os relatos que dizem respeito à percepção dos mesmos no que se refere à educação sexual que foi recebida da família, assim como se os participantes acreditam ou não que essa influência possa ter influenciado na sexualidade deles hoje. Abrange também a percepção dos mesmos no que se refere à participação da escola como fonte de informação ou como agente na educação sexual.

A *categoria 4 – Relatos sobre sexualidade no desenvolvimento humano* engloba relatos que se referem à opinião dos participantes sobre o que entendem por sexualidade, além do relato sobre os primeiros episódios de

sexualidade dos mesmos (interesse pelo outro, o “ficar”, as primeiras descobertas eróticas, a primeira relação sexual, etc.).

Por fim, a *categoria 5 - Relatos sobre a sexualidade atual e expectativas futuras*, inclui os relatos que dizem respeito à forma de como os participantes percebem e vivem hoje a sua sexualidade, ou seja, como se sentem, como se dão as relações e se existem expectativas com relação à sexualidade.

CATEGORIA 1. RELATOS SOBRE O PERÍODO DA INFÃNCIA E ADOLESCENCIA

O período da infância e adolescência foi relatado a partir das lembranças sobre as relações sociais e afetivas. A memória afetiva referiu-se ao contato com os genitores e familiares próximos, como pais, tios, avós e primos evidenciando a importância da família ampliada neste período da vida. Os amigos também foram citados como vínculos afetivos importantes principalmente na adolescência.

Exemplos:

> "Meus primos eram muito próximos, tanto primos quanto primas. Eu sempre tive uma boa relação com eles, dormia muito na casa deles, passava um tempo dormindo na casa de primos e primas" MK_HETERO_M

Algumas memórias evidenciam o sofrimento, seja pela solidão seja pela violência, no caso um relato de abuso sexual.

> "Bom, enfim, minha infância foi meio conturbada, desde o começo, pois nasci de pais separados e minha mãe levou o estigma da mulher divorciada, porque ainda não era tão comum. (...) Depois, quando tinha 3 anos e meio, 4 anos, os meus irmãos saíram de casa (...) moraram durante 2 anos com meu pai e com minha madrasta, e assim, foram os 2 anos de vida mais difíceis da minha vida até hoje, pela falta dos meus irmãos e por uma coisa que demorei muito tempo, só depois de muita terapia que eu consegui falar abertamente. (...) passei por 2 anos de abuso sexual assim. E eu não sabia o que fazer, eu tinha 4 anos, mais ou menos, até meus 6 anos e meio." MA_HOMO_F

De acordo com Bertagnoli, Cardoso, Hübner e Pergher (2008), o temperamento infantil diz respeito à criança gostar mais de algumas atividades em detrimento de outras. Segundo os autores, algumas crianças, por exemplos, escolhem brincadeiras mais intensas (atividades socialmente definidas como masculinas), agressivas ou ativas, bem como esportes competitivos. Outras, por sua vez, preferem relacionar-se de maneira mais pacata (atividades socialmente definidas como femininas). Dessa forma, a criança irá se aproximar de amigos(as) que compartilhem suas preferências por certas atividades, evitando companhias com as quais não tenha interesses em comum.

Na adolescência, a citação de amizades foi recorrente. A importância dos vínculos de amizade é destacada pelos vários relatos dos participantes sobre as amizades e essas amizades referem-se não somente aos pares (da mesma idade), como também primos e irmãos. Exemplo:

> "Então tive poucos amigos durante a infância, mas sempre sentia falta, sempre achava legal ter bastantes amigos, mas somente no inicio da adolescência que eu tive, que eu fui começar a tomar alguns tipos de atitude para conquistar alguns amigos. Então na adolescência deu uma mudada muito grande assim, deixei de ser aquela pessoa introvertida e tal, e comecei a buscar mais amizades, cultivar mais amizades, amizades essas a maioria da escola (...)" BM_HETERO_M

> "Eu morei em Campinas desde que eu nasci até os meus catorze anos e essa fase para mim, socialmente, foi praticamente nula. Não tinha amigos, não sabia me socializar mesmo, nunca troquei de casa quando morava lá, não tinha vizinhos. (...) E daí quando eu mudei para Curitiba, eu vim sem conhecer ninguém. (...) depois disso eu comecei a falar com todo mundo. (...) E acabou dando

> certo. (...) Aí acabei fazendo mais amigos." LS_HETERO_F

> "Minha infância (...) brincava com meus avós (...) sempre tive muito contato com meu irmão, a gente saia para brincar, e também tinha contato com meus primos. E com alguns amigos de infância... Na adolescência (...) Não era rodeada de muitos amigos, mas tinha alguns." CS_HETERO_F

Para alguns as amizades mais marcantes foram de pessoas de mesmo sexo e para outros, de sexo oposto. Exemplo:

> "Eu sempre vivia no meio da mulherada. Nossa, eu só tinha amiga mulher. (...) eu só tinha amizade com mulher, me interessava por bandinhas que as meninas gostavam, enfim, era isso." GG_HOMO_M

> "Tinha uma boa relação com amigos, na minha infância a maior parte eram amigos homens" MK_HETERO_M

> "(...) a maioria tudo menino, tudo homem." BM_HETERO_M

> "Eu tive um monte de amigos na infância que começaram na pré-escola e terminaram no pré-vestibular, né? Eu sempre fui mais próximo do grupo de mulheres, meninas, mas sempre me dei muito bem com os homens. (...) As mulheres são mais difíceis, mais difíceis de chegar, de conversar... Pelo menos na minha experiência os homens são mais fáceis." LE_HOMO_F

Em alguns casos, houve a citação de conflitos e dificuldades, até mesmo pelo preconceito:

> “Na adolescência fui mais rebelde, era o começo de algumas descobertas sexuais, fumava, bebia, saia com meus amigos (...)” CS_HETERO_F

> “(...) eu ia bastante na casa dos meus avós. Tinha muitos primos, tive muitos amigos de infância também, então posso te dizer que minha infância foi bem tranqüila.” LE_HOMO_F

> “Péssimas. Contatos eram muito poucos, sempre com meninas, nunca tive amigos meninos na escola, mesmo porque nessa época já começava o preconceito, os xingamentos, então eu sempre tive amigas.” LA_HOMO_M

CATEGORIA 2. RELATOS SOBRE A RELAÇÃO COM FAMILIARES

A participação dos pais no processo de desenvolvimento dos seus filhos e, conseqüentemente, no processo de desenvolvimento da sexualidade dos mesmos, é de suma importância, pois, de acordo com Silvares (2002) são os pais os primeiros modelos de seus filhos, e a forma como se relacionam influencia diretamente na maneira como as crianças se comportam. Através dos relatos a relação com genitores aparece marcada por conflitos. Em algumas situações memórias "boas". Percebemos nos relatos, um "vínculo fragilizado e distante" (LA_HOMO_M, MK_HETERO_M, MA_HOMO_F, LS_HETERO_F), um vínculo forte com a mãe (GG_HOMO_M, CS_HETERO_F) e um vínculo forte com o pai (BM_HETERO_M). Exemplos:

> "A minha mãe eu via uma vez por semana, quando ela vinha pra casa, e ficava um ou dois dias. (...) Mas não era uma relação de amizade, muitas coisas eu guardava e ela nem ficava sabendo o que realmente acontecia." LA_HOMO_M

> "Cheguei a morar com minha avó, com meu avô. A gente tinha uma relação difícil, complicada, de pouco diálogo." MK_HETERO_M

> "Meu pai foi ausente por aproximadamente 15 anos da minha vida e com minha mãe nunca houve muito diálogo." MA_HOMO_F

> "Bem difícil também. Na infância meu pai bebia muito, e sempre bateu muito na gente, então a relação era muito complicada. Na verdade não tinha relação, era nula mesmo. (...) A relação com minha mãe era... ela tentava compensar, falava muito, mas acabava falando mal

> também, então era muito mais pendendo para o lado da minha mãe.” LS_HETERO_F

Houve uma opinião de que o vínculo afetivo melhor era estabelecido com a mãe. Em dois casos, o pai é quem foi citado como a pessoa com quem se davam melhor da infância e adolescência. Exemplo:

> “(...) minha mãe sempre foi minha melhor amiga, em tudo na minha vida, até hoje e desde sempre. Meu pai e minha mãe separaram quando eu tinha 5 anos, então meu pai morou praticamente todo tempo no interior do Paraná, com outras esposas, realmente no plural, e todas as amantes que ele teve ao longo da vida, e não foram poucas.” GG_HOMO_M

> “Durante minha infância e adolescência tive uma relação mais afetuosa com minha mãe. Meu pai era, sempre foi uma pessoa muito brava, é... Minha mãe era quem ficava mais tempo com a gente, eu lembro que os dois brigavam muito, e eu tinha muito medo do meu pai.” CS_HETERO_F

> “Sempre foi muito boa minha relação, em especial com meu pai. Ele era sempre, apesar da separação, ela sempre foi muito, não foi sempre presente, mas sempre foi muito intenso, seja por telefone ou os poucos dias do ano que a gente ficava juntos, sempre foi muito intenso como pai.” BM_HETERO_M

O relacionamento dos pais foi relatado, sobretudo como uma relação “ruim”, conflituosa com explicitação de brigas e traições.

> “A história que eu sei é que quando minha mãe descobriu que estava grávida ela foi comentar com ele e, segundo ela, ele não quis aceitar a gravidez e ela seguiu sozinha, me criando sozinha. (...) Ele eu vi quando tinha 15 anos, eu vi duas vezes, foi em julho e agosto, daí também nunca mais vi.” LA_HOMO_M

> “Era complicada também, tinham muitas brigas, enfim, era difícil. Não era uma relação boa.” MK_HETERO_M

> “Mas eu vi algumas brigas, assim. Muitas brigas, até. E depois com o divórcio, brigas por telefone. Houve uma tentativa de reconciliação que foi frustrada logicamente, acabou não se concretizando." BM_HOMO_M

> “Eles brigavam o tempo todo. Eles se separaram no meio da minha adolescência.” CS_HETERO_F

> “Meus pais são casados só no papel, na verdade eles não dormem no mesmo quarto desde os meus dez anos. Desde muito tempo eles dormem separados e sempre só brigaram. Então eu quando era criança rezava para eles se separarem, pedia para eles se separarem.” LS_HETERO_F

Em dois casos a relação foi descrita como “saudável”, com diálogo e respeito, embora não tenha sido citado relações de amor romântico entre os progenitores.

> “Quando eu era criança eu nunca vi meus pais brigarem, eu nunca vi meu pai faltar com respeito com minha mãe e vice-versa, acho que eles nunca brigaram enquanto estiveram juntos. (...)” GG_HOMO_M

> “Uma coisa que nunca aconteceu, pelo menos na minha frente, foi de um tirar a autoridade do outro. No final acabavam optando pelo que queria minha mãe, mas chegavam a isso conversando. E eles sempre se relacionaram muito bem, estão com quase 30 anos de casados e eu nunca vi eles discutindo.” LE_HOMO_F

Em geral, a opinião sobre os outros familiares foi percebida como “boa”.

> “Com meu avô e minha avó, que cheguei a morar junto, e com minha outra avó, ia sempre dormir na casa dela, ficava sempre com ela. Mas eu acho que é só. Bastante com meus primos, e com minha avó, meu avô e minha avó. Sempre tive uma relação muito boa com eles.” MK_HETERO_M

> “Além dos tios, os primos e os avós. A relação era sempre próxima, boa, né?” LE_HOMO_F

> “Com meus avós, tios, primos. Tinham encontros nos finais de semana, com os dos avós, tanto da parte da mãe quanto da parte do pai, e era normal. Um encontro de família, normal.” CS_HETERO_F

Os participantes relatam terem recebido apoio da família em relação à sua sexualidade, também em relação à orientação sexual dos participantes. Em alguns casos a aliada é a figura materna, com quem os participantes relatam sua vida sexual e recebem aceitação e apoio (LA_HOMO_M, GG_HOMO_M).

> “Nessa mesma época eu contei pra minha mãe, tivemos uma longa conversa, e chorou muito, questionou aonde ela errou, o que ela fez, o porquê disso ter acontecido, o

> porquê de eu ser assim, mas acabou aceitando e falou que independente do que eu gostasse ou não, eu era o filho dela e ia continuar sendo, sempre.” LA_HOMO_M

> “Meu pai finge que não sabe, e eu finjo que não sou para ele. Isso desde sempre. Com minha mãe no começo foi muito complicado, até que comecei a namorar e a gente ficava sempre junto, até que ela viu que o negócio estava ficando sério. Daí ela disse que gostaria de saber com quem seu filho estava se relacionando, independente se era homem ou mulher, aí meu namorado foi lá em casa. Minha mãe se encantou com ele, achou o rapaz maravilhoso. Hoje em dia é muito tranqüilo. Qual a mãe permitiria que o namorado do filho morasse junto, em casa? Minha mãe topou numa boa.” GG_HOMO_M

Em alguns casos, é a figura paterna o suporte familiar (MK_HETERO_M, BM_HETERO_M).

> “O meu pai sempre foi muito tranqüilo (...) então quando eu contei pra ele foi super bem aceito, sabe? (...) Pra minha mãe eu não comentava, eu não tinha esse assunto livre para conversar com ela. Mas pro meu pai foi super bem aceito, ele me orientou, tem que usar camisinha, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, então com ele foi super bem tranqüilo.” MK_HETERO_M

> “Não houve suporte além do meu pai. Por parte da família materna ninguém nunca incentivou, acho que a sexualidade sempre foi um tabu muito grande, até que eu comecei a bater de frente, comecei a ter minha primeira namorada, comecei a levar em casa. Mas nunca foi apoiado, foi sempre neutro, posso dizer.” BM_HETERO_M

Para dois participantes questões ligadas à sexualidade são algo recentemente conversado dentro do sistema familiar (LE_HOMO_F, CS_HETERO_F).

> “Na verdade a descoberta é bem recente, com 26 anos. Até então eu tinha um namorado e eu terminei com ele e resolvi viajar. Nessa viagem foi quando eu conheci minha namorada que estava fazendo intercambio. (...) De lá e até cá, entre a gente, nada mudou, mas nunca chegamos a conversar sobre isso.” LE_HOMO_F

> “(...) de suporte assim, não lembro de ter tido. Sempre foi muito escondido. Hoje isso é discutido há pouco tempo, dois meses para cá. Converso com minha mãe. Com meu pai só quando ele me levou no ginecologista, um pouquinho antes.” CS_HETERO_F

Para MA_HOMO, a família tem um importante papel ao dialogar e respeitar a sua sexualidade.

> “Eu falo que minha família é meu alicerce. Meus irmãos sempre me apoiaram, pois eles souberam antes dos meus pais. Inclusive foi meu irmão mais velho que contou para minha mãe, pois ficou com medo da resposta dela quando soubesse. Meu pai até hoje só mencionou sobre minha orientação apenas uma vez, mas disse que me apóia e que para ele eu serei sempre a menininha dele.” MA_HOMO_F

CATEGORIA 3. EDUCAÇÃO SEXUAL: RELATOS SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL FAMILIAR E ESCOLAR E A INFLUÊNCIA NA SEXUALIDADE

Segundo os participantes a educação sexual recebida da família foi marcada por ser "omissa e sem diálogo" (LA_HOMO_M, LE_HOMO_F, MA_HOMO_F), "esclarecedora e com diálogo" (GG_HOMO_M, MK_HETERO_M, CS_HETERO_F, LS_HETERO_F) e em dois casos variando entre "liberal e conservadora", dependendo do pai ou da mãe (BM_HETERO_M, LS_HETERO_F). A Tabela ilustra os diferentes relatos dos participantes:

Tipos de Educação Sexual	**Relatos que exemplificam**
Omissa e sem diálogo:	"Durante minha infância minha família não falava nada a respeito desta temática." LA_HOMO_M "Nunca existiu uma conversa sobre sexo, mas não era um tabu." MA_HOMO_F "Não existiam conversas, não era um tabu, mas não era uma coisa que a gente se sentia a vontade para conversar com eles. Eu acho que era difícil. (...) não era um tipo de assunto que surgia assim no meio de uma conversa familiar, era só por algum motivo." LE_HOMO_F
Esclarecedora e com diálogo	"Sempre houve muito diálogo em minha casa, minha mãe principalmente sempre foi e sempre será minha melhor amiga e sabe da minha vida toda, em detalhes... Dela eu não escondo nada!" GG_HOMO_M "Sempre conversei abertamente sobre isso com meus pais. Meu pai principalmente tratava o assunto de forma muito aberta e natural." MK_HETERO_M

	Eram coisas mais na questão de informação assim, explicavam o que era uma camisinha, explicaram o que era uma relação sexual, mas nunca abordando isso assim 'se você já fez', 'se você foi no ginecologista" CS_HETERO_F "Sim, minha mãe sempre foi bem aberta nessa parte de educação, assim. (...) ela sempre ensinou super bem, responsabilidade, não ter pressa, não ir na onda dos amigos. Isso com tudo, desde beijo até sexo mesmo." LS_HETERO_F
Liberal e conservadora ao mesmo tempo	"Na minha família materna, não existia diálogo, pois ele era e é bastante conservadora. Já na família paterna era bem diferente, principalmente com meu pai, que era altamente liberal e incentivador." BM_HETERO_M "Era bastante conversado com minha mãe, nunca foi um tabu. Aliás, com meu pai sim, ele nem toca no assunto, mas com minha mãe não." LS_HETERO_F

Tabela 2. Categorias de respostas dos participantes sobre educação sexual

Com relação a uma possível influência familiar sobre como vivem a sua própria sexualidade, os participantes consideram existiu tal influência, seja pela educação rígida:

> "Não tive a presença nem da minha mãe e nem do meu pai, e era muito rígida, eu não podia sair, e também até contato com amigos eu não poderia sair de casa, então por ter essa rigidez..." LA_HOMO_M

Ou pela ocorrência do abuso sexual e da raiva da mãe por homens:

> “Sim, porque eu acredito que ninguém nasce gay, sabe? Acho que podemos ter uma predisposição, mas as experiências são determinantes para isso. Acho que tudo foi determinante, o abuso... minha mãe que falava que os homens não prestavam..." MA_HOMO_F

Em alguns casos, a influência foi citada a partir dos modelos parentais:

> “Acredito que não houve influencia da minha família. O fato de eu ter sido criado só por mulheres pode ter ajudado, mas isso é complicado, eu não sei exatamente. Pode ter ajudado por ter sido criado só por mulheres e vivido num universo feminino e isso ter me feito enxergar que mulheres são bizarras.” GG_HOMO_M

> “Eu acho que sim, eu acho que um pouco, sabe? Tanto pelo lado bom quanto pelo lado ruim. Influenciou como modelo assim, do meu pai, pela forma como ele lidava com a sexualidade dele e o que eu aprendi com ele, e vi o que eu não gostaria de estar fazendo, como que ele fazia, mas como o lado bom também, minha mãe sempre foi uma pessoa muito séria, muito certa com relação a isso, então eu acho que tive os dois modelos e...” MK_HETERO_M

> “Com toda certeza. Minha família não, mas meu pai com toda certeza, desde criança, ele me influenciava.” BM_HETERO_M

O participante CS_HETERO_F acha que a família influenciou, mas não diretamente na sua opção sexual:

> “Só que, eu não te definir se influenciou na minha opção sexual, acho que não na verdade, mas é o jeito que eu levo minha sexualidade hoje, é como eu lido com ela, no meu dia-a-dia.” CS_HETERO_F

O participante LE_HOMO_F não foi o único que não considera que a educação familiar influencie em sua sexualidade, alegando que sua sexualidade decorre de uma condição ao nascimento e não sofreria influencias do meio. Seu relato:

> “Então assim, eu não sei se a educação que eles me deram influenciou diretamente na minha sexualidade. Mesmo porque teria influenciado na minha irmã também. (...) Então eu acredito sim que é uma coisa que você nasce, e família apenas poderia dar a liberdade de você ser quem você é, e tem algumas famílias que não permite.” LE_HOMO_F

A maneira como os pais lidam com a orientação sexual do filho, reflete diretamente na auto-estima do mesmo. Existem teorias que afirmam que pai ausente e mãe super-protetora ou até mesmo dominadora acarretam filhos homossexuais. De acordo com Castañeda (2007, p. 76), “o menino efeminado é estigmatizado desde a infância como um ser à parte: seus colegas caçoam dele e o rejeitam; seus pais também o tratam de modo especial, onde a mãe tende a super protegê-lo e o pai a se afastar dele”. Picazio (1998), por sua vez, afirma que até hoje ninguém conseguiu encontrar nem uma única característica em comum entre as famílias com filhos homossexuais. Existem muitas pessoas que tiveram pais ausentes e mães dominadoras ou super protetoras e não tem desejo por pessoas do mesmo sexo. De acordo com o autor, “são também muitos os homossexuais que tiveram pais presentes e equilibrados, o que não tem relação com a sua orientação sexual” (PICAZIO, 1998, p. 119).

Bee (1994, p. 365) afirma que “algumas pesquisas sugerem que cerca de 2/3 de jovens homossexuais não revelam sua orientação aos pais”. De

acordo com Picazio (1998) nenhum pai deseja ou cria um filho para ser homossexual, sendo complicado para ambos enxergar essa verdade, sendo que romper a fantasia idealizada pelo pai desde o momento em que o filho está na barriga da mãe, repleta de planos e expectativas, pode ser uma tarefa extremamente dolorosa. Porém, do outro lado se encontra o filho, sentindo-se culpado por não ser o que sonhavam dele, criando assim um distanciamento na relação entre pais e filho. Se os pais não se sentem seguros ou confortáveis o suficiente, é importante levar o adolescente para conversar com um profissional que possa auxiliar nesse momento. Com relação a isso, Riesenfeld (2002, p. 32) "afirma que nossa sociedade não informa nem prepara as pessoas, principalmente os pais, para escutar de seu filho que o mesmo é homossexual, proporcionando assim que a maioria das pessoas ainda tenha uma imagem bastante irreal de como é um homossexual".

É de suma importância existir o diálogo em casa, entre adolescente e seus pais, pois estes são agentes diretos no processo de formação da identidade sexual. Os pais freqüentemente subestimam o nível de atividade sexual dos seus filhos, especialmente dos adolescentes. Numa pesquisa realizada nos Estados Unidos, Sharpe (2003) verificou que a comunicação entre mães e adolescentes está associada ao comportamento de sexo seguro e a uma diminuição nos comportamentos ditos como de risco. Entre as mães entrevistadas, 53% acreditavam que seus filhos, com idade entre 14 e 17 anos, não tinham mantido qualquer tipo de relação sexual até o momento. No entendimento da autora, "o sexo é importante para a comunicação entre pais e filhos" (SHARPE, 2003, p. 212). Os adolescentes apresentam dúvidas quanto às relações sexuais e suas variáveis e, somado a isso, ainda é típico dos adolescentes não se preocupar com as possíveis conseqüências de seu comportamento sexual, o que aumenta muito o risco de muitas complicações.

Segundo Hardin (1999, p. 34) "são vários os aspectos da família de origem que afetam a auto-estima do filho em questão, como: estilo dos pais, expectativas dos mesmos, o papel do filho na família e os métodos de comunicação presentes". A importância das regras, a monitoria adequada e o modelo moral são as formas positivas de que os pais podem se relacionar com os filhos (GOMIDE, 2004) e, com isso, proporcionar um ambiente saudável e

adequado a consolidação da identidade social do filho e, também, a consolidação de sua identidade sexual. Picazio (1998) afirma que, aceitar que somos diferentes, viver bem com nossa química pessoal e respeitar a dos outros, dá espaço para que cada um faça sua contribuição mais pessoal ao mundo, que cada um crie e ofereça o que tem de melhor.

Depois do núcleo familiar, é na escola que aprendemos a nos relacionar, respeitar limites utilizar espaços, identificar igualdades e desigualdades (PICAZIO, 1998). A escola também foi apontada como um local de omissão diante da educação sexual. Para muitos participantes, a escola foi um local em que o "assunto foi ausente" (LA_HOMO_M), ou quando abordado era de um modo limitado e inadequado (GG_HOMO_M, MK_HETERO_M, BM_HETERO_M, MA_HOMO_F):

> "(..) não teve, nem uma conversa séria comigo também, eu estudei ali até 14 anos. Nenhum momento me chamaram lá e conversaram a respeito." LA_HOMO_M

> "Qual papel? Não existiu papel nenhum, a escola nunca instruiu a gente para nada. Eu tive por um ano uma matéria de educação sexual, e era ridículo!" GG_HOMO_M

> "Acho que a escola, pelo menos na época, era uma coisa muito científica, tipo uma aula de ciências que eles mostram e falam um pouco, mas acho que não era um assunto aberto, um assunto em debate, uma coisa que aproxima a linguagem à idade do aluno. (...) Foi uma coisa muito distante." MK_HETERO_M

> "Só educação sexual. Teve poucos episódios, poucas aulas que foram discutidas." BM_HETERO_M

> “Suporte não, apenas algumas aulas sobre educação sexual, mas de forma bem superficial.” MA_HOMO_F

Para dois participantes (LE_HOMO_F e CS_HETERO_F) a escola atuou bem na educação sexual:

> “O papel da escola foi na orientação, sempre estava orientando, tem as camisinhas, tinhas as palestras diretos, eu lembro que nessa época foi bem intenso assim, bem direto. Ia medico, enfermeiro, levavam camisinha, pênis, então colégio sempre na orientação.” LE_HOMO_F

> “(...) sempre teve muitos professores. Na quinta série eu lembro de uma professora que teve essa conversa um pouco mais aberta, da sexualidade. Eu acho que quando me ajudou mais foi pela sétima ou oitava série, com professores que abordavam a questão da prevenção, da relação sexual, de masturbação, de tudo.” CS_HETERO_F

Santos (n.d.), afirma que é necessário às escolas desenvolverem programas de educação sexual, pois apesar da quantidade de informações sobre sexualidade que os adolescentes atualmente têm, ainda é alto o número de adolescentes grávidas. Neste sentido ele aponta para o fato de que falar sobre educação ou orientação sexual nas escolas não pode se limitar apenas ao ato sexual, pois sexualidade envolve diversos aspectos, como: ato sexual, prevenção a doenças sexualmente transmissíveis (DST) e gravidez, diversidade sexual (homossexualidade, heterossexualidade e bissexualidade), família, entre outros.

De acordo com Maia (2004, p. 153) “a questão do acesso à educação sexual e a discussão da saúde e da sexualidade deveriam ser um direito assegurado a todas as pessoas”. De acordo com o MEC (1997) esse direito

deveria ser assegurado na forma de temas transversais. Mas o que podemos entender por temas transversais? De acordo com Nunes e Silva (2006, p. 63) “os temais transversais são conteúdos de valor formativo que perpassam as disciplinas curriculares de maneira a articular entre si conteúdos e atitudes e ampliar os conhecimentos advindos dos conteúdos trabalhados a partir do currículo escolar”. Os autores prosseguem afirmando que a proposta básica dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) estabelece como temas transversais: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, estudos econômicos e educação sexual. Esses temas transversais não se caracterizariam como disciplinas, mas sim como abordagens específicas dentro das disciplinas, ou seja, todas as disciplinas tratariam, dentre de suas especificidades, dos temas transversais. Entretanto, a educação sexual como tema transversal não se resumiria apenas às questões referentes à reprodução e/ou DST’s, mas também uma educação sexual voltada para a superação de sexismos (conceituações pejorativas referentes ao sexo) e dos estereótipos sexuais (representações conceituais sobre o comportamento do homem e da mulher) (NUNES e SILVA, 2006).

As fontes de informações sobre sexualidade dos participantes foram as mais diversas: palestras nas escolas, revistas, televisão, amigos e pais. Ao que parece informações pulverizadas nas relações sociais diversas e não algo intencional e sistemático:

> “O que eu ouvia falar na escola, televisão, mas nada oficial, nada de leitura.” LA_HOMO_M

> “Sei lá, acho que colégio, tinha aquelas palestras idiotas. Ficavam vermelhos ao tentar mostrar como se colocar uma camisinha. Depois, aos 17 participei de uma peça que tinha como tema central a educação sexual.” GG_HOMO_M

> “Meu pai conversava sobre isso comigo em casa, sabe? Ele falava bastante, ele me orientava bastante, isso eu não tenho como negar, ele me orientou muito bem com relação

a isso. Amigos também, da idade, sempre falavam bastante; meus primos, primos mais velhos, primos mais novos também, a gente sempre conversou sobre isso. (...)" MK_HETERO_M

"Tá, meu pai. Com certeza ele sempre tinha umas revistas, tipo Playboy da vida, ele liberava a conta da locadora já quando a gente era criança para poder ver filme pornográfico, então tive umas influências bem machistas e interioranas." BM_HETERO_M

"Pra ser sincero eu não sei, não lembro. (...) Então assim, com o tempo eu conheci bastante gente, mas o primeiro meio de comunicação eu não sei te dizer." LE_HOMO_F

"O que eu sabia era pela televisão, porque nem computador eu tinha. (...) Na escola existiram algumas aulas sobre educação sexual, mas nada sobre homossexualidade, só questões relacionadas ao sexo entre homem e mulher." MA_HOMO_F

"Minhas amigas, principalmente na adolescência, os pais delas. E conhecimentos práticos assim, mais das minhas amigas e das mães delas." CS_HETERO_F

"Minha mãe e todas essas revistas, "toda teen", "atrevida", essas coisas assim. Depois que eu mudei para cá minha mãe comprava de vez em quando para a gente. Mas a gente lia e conversava com ela. Ou ela lia e conversava com a gente." LS_HETERO_F

CATEGORIA 4. RELATOS SOBRE SEXUALIDADE NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Ao questionar os participantes sobre o que entendem por sexualidade, a mesma foi relacionada aos instintos (LA_HOMO_M, BM_HETERO_M), uma forma de viver (GG_HOMO_M), comportamentos relacionados ao gênero (MK_HETERO_M), como é reconhecido, ou seja, a sua identidade (LE_HOMO_F); como algo construído (MA_HOMO_F), uma questão que envolve hormônios (CS_HETERO_F), ou é o interesse pela outra pessoa (LS_HETERO_F):

> "Sexualidade é o comportamento que o individuo utiliza para manifestar seus instintos, antigamente utilizado apenas para fins de procriação e com o passar dos tempos utilizado tanto para procriação quanto para satisfação dos instintos, do prazer." LA_HOMO_M

> "Sexualidade é uma forma de viver, onde você busca incessantemente a felicidade ao lado do companheiro ou da companheira que escolheu para estar ao seu lado." GG_HOMO_M

> "Acho que são comportamentos, sei lá, tipos de expressão, que são relacionados ao gênero. Comportamentos relacionados ao gênero masculino, comportamentos relacionados ao gênero feminino, entende?" MK_HETERO_M

> "Considero que seja um instinto natural, manifesto através de diversos comportamentos, e influenciado direta e indiretamente pelo meio social, cultural... É fundamental para o desenvolvimento pleno do sujeito." BM_HETERO_M

> “É a sua identidade, não que você vai ser reconhecido na rua por heterossexual ou homossexual, mas eu acho que você se impõe de maneira diferente, né? Resumindo é isso, a sua identidade, como você se mostra e se impõe perante a sociedade.” LE_HOMO_F

> “(...) percebo a sexualidade como algo construído, não determinado. Hoje sou lésbica, mas não sei como será depois. Vejo tantos homens com 50, 60 anos que, quando todos acham que já estão no fim, sem perspectivas, assumem-se como homossexuais. Acho que o que vivemos acaba sendo determinante para a nossa sexualidade.” MA_HOMO_F

> “Eu entendo... não sei. Eu entendo que é uma questão hormonal, física, e que tem uma parte social, que envolve, que manipula, enfim... delimita.” CS_HETERO_F

> “É o interesse pela outra pessoa, independente de gênero, se é homem ou mulher. Não só o interesse, mas também a vontade, o fato de eu querer me descobrir também. Sei lá, o que gosta, o que não gosta. Ter interesse pelo outro e ter interesse pelo próprio prazer.” LS_HETERO_F

Pôde-se constatar que ainda existe um equívoco na diferenciação de sexo e sexualidade, que pode ser melhor diferenciado de acordo com a proposta do Guimarães citado por Maia (2010), sendo “sexo relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para a reprodução. [...] Sexualidade é um termo [...] que se refere ao ‘ser sexual’, comumente é entendido como ‘vida’, ‘amor’, ‘relacionamento’, ‘sensualidade’, ‘erotismo’, ‘prazer’” (GUIMARÃES apud MAIA, 2010).

Com relação aos primeiros episódios de sexualidade, alguns participantes trazem como ocorrido na infância, principalmente através do interesse pelo outro (GG_HOMO_M, MK_HETERO_M, MA_HOMO_F):

> "Nossa, que eu me lembre eu namorei com 4 anos de idade, com uma menina e a gente dava selinhos. Depois me lembro que me apaixonei por uma menina na terceira série (8 anos)." GG_HOMO_M

> "Eu lembro de um episódio, quando eu tinha mais ou menos uns 10 anos... Uma vizinha mais velha deixava que eu e um amigo tocássemos nos seus peitos. Não lembro ao certo quantos anos ela tinha, mas lembro que ela era mais velha." MK_HETERO_M

> "Eu lembro que aos 9 anos eu me apaixonei pela minha melhor amiga, e foi com ela inclusive que eu dei o meu primeiro beijo." MA_HOMO_F

Já o participante BM_HETERO_M relatou que vivenciou seu primeiro episódio de sexualidade com mulheres, por intermédio de seu pai, também durante a infância:

> "Sim, quando tinha 10 anos meu pai e seus amigos levaram diversas garotas, com 18, 20 e poucos anos... (...) Nós as víamos tendo relações sexuais, nuas, tomando banho... quase tudo." BM_HETERO_M

Entretanto, a participante LE_HOMO_F relatou não se lembrar de nenhum episódio de sexualidade durante a sua infância, mas sim que já havia uma distinção com relação à sua irmã, pois enquanto a mesma era presenteada com bonecas, ela só ganhava bolas esportivas. Mas ela não

comenta se os “presentes diferentes” eram dados por iniciativa dos pais ou porque ela e a irmã assim solicitavam.

> “Não lembro. Na verdade, assim, eu lembro que enquanto minha irmã pedia de natal boneca, carro de boneca, eu só tinha uma boneca no meu guarda-roupa. (...) E eu lembro que todo o ano eu ganhava uma bola. Bola de basquete, bola de vôlei, bola de futebol, todo ano eu ganhava uma bola.” LE_HOMO_F

Durante as entrevistas, também houve uma correlação do primeiro episódio de sexualidade com uma situação de abuso vivida, conforme relato do participante LA_HOMO_M:

> “Teve o fato de que eu fui abusado sexualmente quando eu tinha em torno de 6 ou 7 anos, não me recordo bem a data. Digamos que foi o início...” LA_HOMO_M

No que se referem à descoberta da sexualidade, quatro participantes (BM_HETERO_M, CS_HETERO_F, MA_HOMO_F, MK_HETERO_M) descreveram que perceberam a sexualidade ainda na infância, até os 10 anos de idade:

> “Desde cedo, desde 7 anos. Assim que comecei a voltar para visitar meu pai, eu já comecei a entrar em contato. Então entre 6 e 7 anos, já comecei a ter contato com revistas, com os hábitos do meu pai.” BM_HETERO_M

> “Na realidade eu acho que tenho essa concepção [*referente à descoberta da sexualidade*] desde a terceira série, uns 8 anos.” CS_HETERO_F

> “Foi aos 9 anos que eu comecei a perceber que eu me interessava por meninas...” MA_HOMO_F

> “Mais ou menos com 10 anos de idade. (...) Foi um período de transição na minha vida, quando começou as festinhas, então acho que a iniciação foi aí, sabe?” MK_HETERO_M

Já dois participantes (LS_HETERO_F, GG_HOMO_M) disseram perceber a sexualidade na fase correspondente à adolescência:

> “Eu tinha uns 13 anos. Estava no comecinho da 8ª série. Acho que 13 para 14 anos.” LS_HETERO_F

> “A descoberta foi um período bem complicado, existia uma grande homofobia por parte de meus pais, mas com o passar do tempo houve o início da aceitação, e hoje é muito tranqüilo. Eu tinha 15 anos quando me descobri e foi também quando minha família descobriu sobre minha homossexualidade.” GG_HOMO_F

Todavia, a participante LE_HOMO_F pontuou que a descoberta da sexualidade foi mais tardia, no final da adolescência e inicio da fase adulta:

> “Olha, foi no final da adolescência, início da fase adulta... Entre os 16 e 18 anos. Mais ou menos por aí. Foi com interesses em homens, não sei se era o meu subconsciente, mas eu tinha interesse em homens. Não sei se era por interesse das amigas." LE_HOMO_F

Por fim, o participante LA_HOMO_M descreveu que o episódio de abuso como o iniciou da descoberta de sua sexualidade:

> “Acho que foi nesse episódio (abuso), porque depois quando eu me envolvi realmente com outro menino eu já tinha 20 anos...” LA_HOMO_M

É importante comentar que a sexualidade existe desde o nascimento, ela não é “descoberta” no desenvolvimento; o que ocorre é que as práticas sexuais, manifestações do desejo erótico e situações relacionadas à masturbação, jogos sexuais podem ocorrer no desenvolvimento da infância e, sobretudo, adolescência e essas sensações prazerosas com o corpo erótico puderam ser “percebidas” pelos participantes. Em alguns casos as memórias da sexualidade na infância referiram-se às experimentações eróticas (jogos sexuais) e em outros, às experiências sexuais (abuso, desejo sexual); no caso na adolescência, as memórias referiram-se às descobertas do desejo erótico homossexual o heterossexual. De acordo com Skinner (1971):

> Ao nascer membro da espécie humana, cada criança é portadora de uma herança genética que apresenta muitos aspectos idiossincráticos, começando imediatamente a adquirir um repertório de formas de comportamento sob as contingências de reforço a que se encontra exposta como indivíduo. A maior parte destas contingências é criada por outras pessoas (SKINNER, 1971, p. 121).

Cabe ressaltar que já a partir dos cinco anos de idade, quando a criança começa a entrar em contato com outras crianças da mesma idade, inicia a curiosidade com relação aos outros, principalmente com relação às diferenças anatômicas. De acordo com Costa (1986) é nessa fase que se iniciam as trocas afetivas e toda forma de contato físico se estabelece, sendo esse processo fundamental para o desenvolvimento psicossexual do futuro adolescente. Esses comportamentos, ditos de interesse e/ou de trocas afetivas são regidos em suma pelas práticas da comunidade verbal, ou seja, de acordo com a participação e influência da mesma.

Dois participantes (GG_HOMO_M e BM_HETERO_M) correlacionaram suas primeiras impressões e/ou descobertas eróticas aos primeiros episódios de masturbação:

> “Nossa, eu lembro que a primeira vez que eu ‘gozei’ foi a coisa mais bizarra do mundo (...) E meu primo me ensinou o que era a masturbação. Acho que eu tinha uns 10 anos, mais ou menos. Ele tinhas uns 13 e dizia: ‘olha, é assim que faz’. Daí a gente começou a assistir um canal pornográfico, ele me ensinou como fazia, e eu me masturbei.” GG_HOMO_M

> “Com 7 anos já me masturbava, já via filme pornográfico, aos 9 estava me envolvendo com, possivelmente, prostitutas, nunca ficou bem claro, mas deveriam ser.” BM_HETERO_M

Já as participantes CS_HETERO_F e LS_HETERO_F relataram as primeiras impressões eróticas ocorreram na infância e/ou adolescência, com o início do interesse pelo outro:

> “Acho que surgiu nessa mesma época assim, dessa questão que houve sedução, de criança, de você querer seduzir outro rapaz, outro menino da mesma faixa etária.” CS_HETERO_F

> “Acho que não tive, eu era tão boba. Eu nem menstruava... Fui menstruar com 14, no final de 8ª série! Eu acho que não tive, eu era bem ingênua mesmo. Eu lembro que comecei a pensar nisso só lá pelos 15 anos, mas nada de mais.” LS_HETERO_F

O participante MK_HETERO_M, por sua vez, também relatou que as primeiras impressões eróticas se deram na infância, destacando a participação dos pares e da figura paterna nesse suporte:

> “Eu não lembro. Cheguei a pensar sobre isso há um tempo atrás, mas não lembro exatamente, mas eu acho que foi nessa época, ou um pouquinho antes, sabe? Mas foi nessa faixa assim, que eu comecei a descobrir por amigos que falavam sobre masturbação, sobre como funcionava, eu não tinha conhecimento. Daí perguntei pro meu pai e ele que respondeu na época. Me ensinou as coisas sobre masturbação, sobre sexualidade, essas coisas.” MK_HETERO_M

Também houve nos relatos que ligasse a primeira descoberta erótica à mídia, principalmente a imagens destacadas nos meios impressos, como revistas masculinas. Foi o caso da participante MA_HOMO_F, destacado logo abaixo:

> “Lembro de 2 episódios, também quando eu tinha 9 anos de idade. Lembro que nessa idade eu era apaixonada pela Fafá de Belém, e que minha mãe tinha um vinil dela que, quando você abria o encarte, tinha uma foto enorme dela de hobby, mostrando a perna... Outro episódio que me lembro foi num dia que cheguei em casa e vi que meu irmão tinha esquecido uma Playboy em cima da cama. (...) Lembro que passei a tarde inteira vendo a revista, e que foi a primeira vez que vi um corpo feminino nu além do da minha mãe.” MA_HOMO_F

Houve também quem não se preocupasse com questões relacionadas ao erotismo, tendo as primeiras impressões apenas na idade adulta:

> “Foi mais tarde. Eu nunca foi encanada com essas coisas. Eu queria viver toda a fase da minha adolescência, por opção então eu não queria namorar, queria ficar assim...

> Voltei a pensar nisso aos 23 anos, né? Foi por aí, aos 23 anos.” LE_HOMO_F

Já o participante LA_HOMO_M relatou que a situação de abuso a qual vivenciou, além de ter sido determinante para a descoberta de sua sexualidade, foi também a sua descoberta erótica:

> “Não, não que eu me recorde. (...) mas experiências assim não teve, foi depois desse fato (abuso) que começou o desencadeamento, do pensar sobre o que tinha acontecido, sobre as relações sexuais, o que seria normal e o que não seria normal.” LA_HOMO_M

As descobertas eróticas foram, em alguns casos, relacionadas à situações marcantes como um abuso sexual, por exemplo, episódios de masturbação ou relação sexual. Em outros, nem tanto, foram descobertas em situações cotidianas de curiosidade sexual (diálogos sobre sexo, exposição à revistas e imagens sexuais, etc.). De acordo com Silvares (2001, p. 79) “a curiosidade sexual se constitui na fonte principal de aprendizagem dos comportamentos nessa área”, levando brincadeiras sexuais infantis (ex.: brincar de médico, de papai e mamãe, etc.) a outros comportamentos de cunho sexual, como por exemplo a masturbação. A masturbação é vista hoje em nossa cultura como forma natural de expressão da sexualidade infantil (LIDSTER e HORSBURG, apud SILVARES, 2001). Cabe destacar, conforme Vasconcelos, Naves e Ávila (2010), que além da influência das práticas (educativas) familiares sobre o desenvolvimento de diferentes repertórios comportamentais de crianças e jovens, é necessário também aquelas relacionadas à escola e mídia, por serem as três principais fontes de controle sobre o desenvolvimento da criança na nova era da comunicação iniciada na década de 1990. Fruto da presença ostensiva da TV em nosso dia-a-dia, a criança pode ter tanto a sua curiosidade quanto o seu desejo de “fazer igual” estimulados de forma precoce e indevida (SILVARES, 2001). Pode-se levantar a questão da representatividade dos meios de comunicação sobre a

sexualidade das crianças e adolescentes. Cabe destacar uma pesquisa realizada por Afonso (2001), desenvolveu uma pesquisa sobre adolescência e sexualidade onde entrevistas com adolescentes revelaram que, no que diz respeito a fontes de informação sobre sexualidade, as três fontes utilizadas com maior freqüência pelos jovens são: livros, revistas e amigos (AFONSO, apud MIGUEL e TONELI, 2007).

No que se refere à participação dos pares, quando indagados sobre o papel dos amigos durante o processo de descoberta de sexualidade, a grande maioria dos participantes (LA_HOMO_M, MK_HETERO_M, LE_HOMO_F, MA_HOMO_F, CS_HETERO_F, LS_HETERO_F) relatou que a participação dos mesmos foi de suma importância:

> “No ensino médio, no primeiro ano, onde tive a minha primeira amiga, que perdura até hoje a amizade, então ela que me auxiliava muito.” LA_HOMO_M

> “Pro meu aprendizado foi fundamental, sempre por conversas, por exemplos que eles davam, por situações que eles passavam, então eu aprendi muito com isso, com a experiência deles.” MK_HETERO_M

> “A maioria deles, aqueles que eu mantenho contato desde sempre, eles sabiam desde sempre. A mente é outra, então a aceitação e o suporte foi cem por cento." LE_HOMO_F

> “Depois que eu me assumi parece que meus amigos ficaram mais presentes. Parece que minha segurança acabou refletindo nas minhas relações.” MA_HOMO_F

> “(...) na verdade a gente foi descobrindo isso tudo meio junto. (...) O primeiro beijo foi mais ou menos na mesma época, e tinham algumas outras amigas que tinham uma experiência um pouco a mais, que agregavam nessa

> conversa. Mas a gente sempre foi descobrindo junto e a partir do momento que minhas amigas tinham o respaldo da família eu meio que aproveitava o gancho." CS_HETERO_F

> "Pra ficar foi ótimo. (...) elas me deram bastante apoio, disseram que o menino que eu fiquei pela primeira vez era bonito, e era só para ficar... E no sentido de namoro, quando foi minha primeira vez, todas as meninas sabiam que ia ser minha primeira vez, deram a maior força (...)" LS_HETERO_F

Apenas o participante GG_HOMO_M descreveu que, quando percebeu a sua sexualidade, não possuía muitos amigos:

> "Na verdade quando eu me descobri homossexual, eu não tinha muitos amigos, eu era uma pessoa muito solitária." GG_HOMO_M

Ao abordar as primeiras experiências afetivas, como por exemplo, o "ficar", dois participantes (GG_HOMO_M e MK_HETERO_M) relataram que isso ocorreu já no período da puberdade:

> "Foi aos meus 8 anos, quando eu me apaixonei pela menina que disse antes. Chegamos até a namorar." GG_HOMO_M

> "Eu fiquei a primeira vez quando eu tinha 11 anos. Fiquei um pouco ansioso, aconteceu numa festa americana... Na época meus amigos começaram a ter seus primeiros relacionamentos e por influência comecei a me interessar também." MK_HETERO_M

Já para os participantes MA_HOMO_F, LS_HETERO_F, CS_HETERO_F, LE_HOMO_F e BM_HETERO_F, as primeiras experiências do “ficar” ocorreram na adolescência, entre os 14 e 16 anos:

> “A primeira vez que fiquei foi aos 14 anos, com uma amiga de uma amiga minha da escola, C., sendo que inclusive namorei com ela depois, durante 2 anos.” MA_HOMO_F

> “Fiquei pela primeira vez quando tinha 14 anos, e foi numa ‘balada’.” LS_HETERO_F

> “Com quinze anos. Foi na praia, um menino que eu conhecia a pouco tempo, dei meu primeiro beijo, a gente ficou só esse dia.” CS_HETERO_F

> “Comecei a namorar sério nesse período dos 23 anos. Antes tiveram os namoricos, ficava uma semana ou duas. Tinha mais ou menos uns 16 anos.” LE_HOMO_F

> “A partir dos 16, 17 anos. Comecei a namorar nessa época e depois tive outros relacionamentos, sempre com garotas da minha faixa etária.” BM_HETERO_M

Apenas o participante LA_HOMO_M descreveu ter ficado pela primeira vez na idade adulta, quando já tinha 20 anos de idade:

> “A primeira vez que fiquei com alguém foi quando eu tinha 20 anos, foi muito bom, pois foi com uma pessoa que tenho uma grande estima até hoje.” LA_HOMO_M

Os vínculos amorosos pareceram bem presentes no período da puberdade e adolescência e os pares de amigos também foram figuras de

grande importância para compartilhar a acompanhar essas vivências amorosas e sexuais. Hardin (1999) afirma que pertencer a um grupo fornece qualidades importantes como permitir um suporte emocional, propicia um desenvolvimento de habilidade sociais e uma crescente independência dos valores familiares. De acordo com Skinner (1975, p. 21) “os membros de um grupo ensinam uns aos outros, tornam o ambiente dos outros mais fácil de nele se viver e mantém sanções éticas e morais que têm o efeito de medidas governamentais”. As pessoas começar a chamar o comportamento de “bom” ou “mau”, “certo” ou “errado”, e a reforçar ou punir de acordo com tais julgamentos e, eventualmente, estabelecem-se regras que ajudam uma pessoa a conformar-se com as práticas de sua comunidade e que ajudam a comunidade a manter tais práticas (SKINNER, 1975).

No que se refere à primeira experiência sexual, vários participantes descreveram ter acontecido na adolescência, entre as idades de 14 e 17 anos:

> “Foi aos 14, com a C. Ela foi muito legal, pois não forçou nada, pois eu contei sobre o abuso para ela. Ela tinha quase 17, e me respeitava bastante. Aconteceu quando eu estava segura o suficiente para isso.” MA_HOMO_F

> “Foi com 17 anos, com meu ex-namorado. Foi uma coisa que a gente já conversava durante esse tempo que a gente namorava. Foi depois de 5 meses, eu acho, que a gente namorava, a gente estava voltando para casa depois da academia e aconteceu. Não foi nada muito especial.” CS_HETERO_F

> “Minha primeira vez foi aos 17 anos e foi traumática. Eu parei e pensei: ‘eu vou transar’, e tive uma crise de risos e ele olhava para mim e não entendia nada. Falei para ele que era a primeira vez que fazia isso e ele entrou em pânico. Aí ele teve uma crise de risos também. E foi ridículo! E foi isso. Depois rolou e foi isso.” GG_HOMO_M

O participante MK_HETERO_M também relatou que teve sua iniciação sexual na adolescência, mas por intermédio de uma garota de programa. Do mesmo modo BM_HETERO_M também parece ter tido sua iniciação sexual com uma garota destinada para tal tarefa, uma situação programada pelo seu pai.

> "Foi com prostitutas quando eu tinha 13 anos de idade. Acho que na época foi uma experiência legal por falar "nossa, eu já não sou mais virgem", mas pensando hoje não foi tão, sabe? Proveitosa foi, mas não foi legal." MK_HETERO_M

> "Aos 16 anos. Obviamente foi boa essa experiência, foi com uma garota que meu pai apresentou na época, eu acho que ele armou um esquema pra mim, só pode. Porque acabou que nós ficamos na casa e rolou." BM_HETERO_M

Por fim, quatro participantes (LA_HOMO_M, LS_HETERO_F, LE_HOMO_F) descreveram terem tido a primeira relação sexual já na idade adulta, com mais de 20 anos:

> "Foi aos 20 anos, e na verdade eu considero como tendo sido a primeira realmente. Foi tenso, eu estava nervoso, mas era com alguém que eu gostava, era com alguém que eu queria realmente estar, então tinha essa diferença." LA_HOMO_M

> "Na primeira relação sexual eu tinha... deixa eu fazer a conta... 21 anos. Foi bem bonitinho. Eu estava namorando o 'fulano' e fazia uns 4 meses que a gente estava namorando. Aí era o dia dos namorados (...) Então, daí foi

> assim. A gente combinou, daí a gente viajou para a praia, daí fomos no apartamento dele, só nós dois. Aí aconteceu lá. No dia dos namorados, foi tudo bonitinho." LS_HETERO_F

> "Foi com 22 anos, quando eu decidi que deveria começar uma nova etapa. Foi mais ou menos, essa coisa de primeira vez. Não foi tão bom, mas foi bom, foi com quem eu queria, na hora que eu queria. Acho que tudo isso influenciou também." LE_HOMO_F

Podemos dizer muitos jovens perderam a virgindade entre 14 e 17 anos e, outros um pouco mais tarde, evidenciando que mesmo nos casos em que tenha tido indícios de práticas sexuais na infância e puberdade, como por exemplo, as situações de abuso e exposição às cenas de sexo, as primeiras relações sexuais intencionais ocorreram depois dos 14 anos. Através de um estudo realizado nos Estados Unidos, Sharpe (2003), constatou-se que 22% dos entrevistados tiveram sua primeira relação sexual nesse período (antes dos 15 anos), afirmando que teria acontecido de uma forma involuntária. No que se refere a uma possível diferenciação entre gêneros, Costa (1986, p. 96) aponta que "os rapazes em si iniciam sua vida sexual bem cedo, por volta dos 13 e 14 anos, geralmente com prostitutas, com autorização ou incentivo do pai, tendo o objetivo de provar a sua virilidade ou afastar o fantasma da homossexualidade".

CATEGORIA 5 - RELATOS SOBRE A SEXUALIDADE ATUAL E EXPECTATIVAS FUTURAS

Nessa última categoria os participantes foram indagados como percebem e vivem hoje a sua sexualidade. De certa forma todos os participantes descrevem estar tranqüilos no que se refere a sua sexualidade:

> "Vivo minha sexualidade de forma plena e feliz." GG_HOMO_M

> "Tranquilamente, me sinto realizado. Percebo que a forma como eu me compreendo e como os outros me compreendem me satisfaz. Tenho facilidade na minha vida amorosa e sexual atual por me aceitar, gostar do meu corpo e ter certeza das minhas escolhas. Isso me permite transformar a atividade sexual em um ato natural e prazeroso." MK_HETERO_M

> "Estou muito satisfeito com minhas opções sexuais atualmente" BM_HETERO_M

> "Olha, eu estou muito feliz na verdade, e se fosse para fazer tudo de novo, viver tudo de novo, eu faria tudo novo. Sem problema nenhum. (...) As dificuldades sempre existem, ninguém acha normal um casal homossexual andar de mãos dadas na rua..." LE_HOMO_F

> "Me sinto bem satisfeita, bem tranqüila." LS_HETERO_F

> "Acredito que estou tranqüilo em relação a minha sexualidade. Não me sinto realizado e não me sinto nem feliz e nem infeliz porque acredito que tudo tem sua hora, seu tempo... Não vejo isso como uma dificuldade, porém

> com o passar do tempo aprendi a ser mais seletivo e não me permitir envolver-me com alguém apenas para satisfação momentânea.” LA_HOMO_M

A participante MA_HOMO_F descreve que se sente bem no que se refere à sua sexualidade hoje, e aponta o apoio da família como um grande facilitador:

> “Sou feliz, tenho o apoio da minha família. Mas sabe, hoje eu digo, se me compreendem, ótimo! Caso não, puxa, que pena para você! Hoje sou segura com relação a mim, e tenho certeza que essa segurança reflete nos outros.” MA_HOMO_F

Já a participante CS_HETERO_F relata que não estar plenamente satisfeita, pois acredita que possui algumas dificuldades no que se refere ao seu corpo físico:

> “Eu tenho algumas dificuldades que tem relação com meu corpo e tal, e me sinto levemente satisfeita.” CS_HETERO_F

O aspecto orgânico é citado como uma dificuldade na sexualidade apenas pelo participante CS_HETERO_F quando ele se refere ao corpo. O aspecto social, em geral, pareceu bem importante, seja pelo lado negativo, como, por exemplo, a percepção do preconceito por não poder andar de mãos dadas com quem se ama na rua uma vez que se é homossexual, seja pelo lado positivo, como por exemplo, poder contar com o apoio da família.

Quando questionados sobre suas relações com os pares afetivos, amigos, familiares e outras pessoas, todos os participantes avaliam positivamente essas relações:

> “Avalio que estão ótimas... Tenho ótimas pessoas ao meu lado.” LA_HOMO_M

> “(...) não vivo sem minha família e sem meus amigos.” GG_HOMO_M

> “(...) Sempre cultivei muito bem minhas amizades, acho que mesmo as pessoas que não vejo freqüentemente, sempre tive um bom vinculo a ponto de ter uma liberdade saudável pra amizade. Quem eu quero manter, que eu tenho interesse, é mantido, e quando não é, aparece, sempre me surpreende com um bom retorno, com uma reação. Acho que eu sempre cultivei muito bem o meu lado social.” BM_HETERO_M

> “Vão bem, pois como disse, pela primeira vez na minha vida, não tenho apenas um amigo só. Tenho amigos da escola, da faculdade...” MA_HOMO_F

> “Com meus pares está tudo muito normal, tranqüilo.” CS_HETERO_F

> “Eu acho que se encontram bem. Não tem nada de diferente, eu acho que é normal, nada que eu possa apontar como diferente.” MK_HETERO_M

> “Bem, muito bem.” LS_HETERO_F

Ao levantar como estão as relações afetivas, ou seja, se estão se relacionando com alguém e como se encontra essa relação, dois participantes (LE_HOMO_F, GG_HOMO_M) disseram estar em relações estáveis atualmente:

> “As relações vão bem, principalmente com minha namorada, pois compartilhamos os planos, vivemos em sintonia, sabe?” LE_HOMO_F

> “Estou em uma relação estável há 11 meses, o sexo é importante, mas não é a base de um relacionamento, existem outras coisas que são bem mais importantes em um relacionamento, como cumplicidade, carinho, respeito... São a base que formam o amor e este sim é fundamental para a vida, seja ela a dois ou sozinho, pois quando você está vivendo em plenitude aprende que se amar é a chave para ser feliz.” GG_HOMO_M

O participante BM_HETERO, por sua vez, aparenta certa resistência no que se refere a envolver-se seriamente numa relação:

> “Estou bem comigo mesmo, mas estou sempre envolvido com uma garota, de freqüência mediana na semana, às vezes eu vejo, as vezes não, mas nunca a ponto de me envolver seriamente. Sempre eu bolo algum esquema que não permite estar me envolvendo. BM_HETERO_M

Já a participante CS_HETERO_F descreve que está numa relação que está passando por um processo de mudança:

> “(...) E no afetivo está num processo de mudança.” CS_HETERO_F

Por fim os participantes foram questionados se possuem alguma expectativa com relação à sexualidade. Os participantes LA_HOMO_M, GG_HOMO_M, LE_HOMO_F, MA_HOMO_F e CS_HETERO_F pontuaram que sim, ou seja, que existem expectativas:

> “Expectativas por conhecer alguém especial, viver juntos, enfim, como um relacionamento heterossexual normal.” LA_HOMO_M

> “Quero ter filhos. Me imagino velho, num bar, tomando whisky, chegando numa casa, cheia de gatos. Me imagino no futuro como um ‘tiozão’ solitário.” GG_HOMO_M

> “Existem sim, alguns planos, para um futuro tanto aqui quanto para fora do país. Então assim nós temos um plano, mas estamos mais propensas para morar fora, não por questões legais, mas porque eu gostei de morar fora.” LE_HOMO_F

> “Eu quero crescer, aprender, estudar... Como eu tenho todo o apoio, e não preciso de nada, quero aprender para quem sabe ajudar a quem não tem esse apoio. Tenho planos com minha esposa, alguns em comum, outros que ela não gosta, mas não me fecharia por ela.” MA_HOMO_F

> “(...) essa questão de conhecimento mesmo, e não sei, quem sabe um avanço em alguns aspectos.” CS_HETERO_F

Entretanto, os participantes MK_HETERO_M, BM_HETERO_M e LS_HETERO_F relataram não possuir qualquer tipo de preocupação ou planejamento:

> “Não me preocupo muito com isso, cheguei a me preocupar um tempo atrás, quando tive alguns problemas, mas hoje em dia não tenho me preocupado mais." MK_HETERO_M

> “Hum, o que eu espero da minha sexual no futuro? Não, eu não planejo minha vida sexual.” BM_HETERO_M

> “Hum... não sei. Não planejei nada de diferente para mim. A expectativa é que continue bem, espero que não piore. Mas não tenho nenhum planejamento, nada.” LS_HETERO_F

Parece que a sexualidade conflituosa foi mais marcante no período da adolescência e na vida adulta, uma vez tendo-se definido como pessoas homossexuais ou heterossexuais, a vida sexual e afetiva aparece como algo tranqüila. Os amigos, familiares e pares amorosos são importantes para u a sexualidade considerada satisfatória na vida adulta, além da possibilidade de assumir uma identidade sexual completa aos vínculos sociais mais importantes.

Há entre os participantes aqueles que têm planos futuros em relação ao casamento, filhos, viagens, assim como aqueles que vivem o hoje, superando os “problemas do passado”, sem pensar no futuro. De acordo com Picazzio (1998, p. 91), “o peso de uma relação amorosa é muito grande em relacionamentos homossexuais, pois representa não só um complemento dos desejos afetivos como uma aceitação da forma de viver homossexual”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Desde a pré-história, quando se organizou em grupos, o homem sentiu a necessidade de estabelecer regras de convívio, ou seja, limites, a fim de conviver com seus semelhantes. Nesse momento, o sexo se inseriu dentro das normas de convivência, nem sempre pacífica. A luta básica era pela sobrevivência. Nesse sentido, as práticas sexuais obedeceram regras, exigências naturais e cerimônias. Passaram-se milênios até o homem descobrir que podia modificar a natureza, ou seja, inserir-lhe valor, e então surgiu a cultura (ARAÚJO, 1999, p. 15).

O indivíduo, assim como seu comportamento, está em constante transformação, através da relação com o meio onde está inserido. Esse processo, definido como aprendizagem, é responsável pela formação da identidade desse indivíduo, denominado pela análise do comportamento de *repertório comportamental*. Todavia, esse processo não ocorre da mesma maneira para todos, pois além da carga genética que carregamos e que nos difere dos demais, somado a esse processo de aprendizagem, devemos levar em consideração o terceiro item que compõe os três níveis de seleção do comportamento: o ambiente no qual estamos inserido, denominada pela análise do comportamento de *comunidade verbal* ou, simplesmente, a cultura.

Partindo dessas premissas, o presente estudo teve como objetivo investigar, por meio de relatos de jovens adultos, homossexuais e heterossexuais, a opinião dos mesmos sobre o desenvolvimento da sexualidade e da orientação afetivo-sexual na infância e na adolescência. Através desses relatos, pôde-se também levantar informações sobre a educação sexual e fontes de informação sobre sexualidade que os jovens receberam na família e na escola, além de permitir a análise de como os jovens relatam a vivência da sexualidade e da orientação afetivo-sexual nos dias de hoje.

A começar pela primeira categoria, que abrangeu a opinião dos participantes sobre o período da infância e adolescência, pôde-se destacar que esses períodos foram marcantes no que se refere às relações sociais e afetivas, decorrente principalmente do contato com os pais e familiares próximos, além do vínculo com amigos, destacado especialmente no período

referente à adolescência. Sabe-se, desde um primeiro momento, que os pais, familiares e amigos próximos influenciam a forma como nos comportamos, agindo como modelos comportamentais, reforçando os comportamentos ditos adequados e punindo (ou colocando em extinção) os comportamentos ditos inadequados.

Já através da segunda categoria, foi possível levantar a opinião sobre a relação com familiares. Em síntese, a relação com os pais aparece marcada por conflitos, entretanto vinculada às memórias descritas como “boas”. Houve uma opinião de que o vínculo afetivo melhor era estabelecido com a mãe, além da figura da mãe ser escolhida para o relato da vida sexual dos participantes, recebendo os mesmos com aceitação e apoio. Entretanto, essa opinião do vínculo afetivo ser mais bem estabelecido com a mãe, não é passível de generalização, uma vez que os participantes que descreveram essa vinculação não possuíam uma figura paterna disponível no contexto em que se encontravam. Os participantes que descreveram possuir a figura paterna no seu ambiente familiar relataram receber suporte e aceitação pelo mesmo. Com os demais familiares (avós, tios, primos, etc.) em geral, as relações foram percebidas como “boas”.

Na terceira categoria destacada, os participantes foram questionados acerca da educação sexual familiar e escolar, e a influência destas na sexualidade. Através dos relatos obtidos, não foi possível levantar um padrão acerca do papel da família no processo da educação sexual, uma vez que esta foi marcada, dentre dos discursos, como “omissa e sem diálogo”, “esclarecedora e com diálogo” e “liberal e conservadora”. Pode-se levantar a hipótese dessa diferenciação ser decorrente de aspectos culturais (descendência étnica), econômicos e/ou religiosos. Já no que se refere a uma possível influência familiar sobre como os participantes vivem a sua própria sexualidade, a grande maioria dos entrevistados afirma ter existido tal influência. A escola também foi apontada como um local de omissão diante da educação sexual. Cabe destacar novamente que, de acordo com o behaviorismo, nascemos com uma herança genética, que inclui a nossa sexualidade. Entretanto, a forma como somos expostos às contingências de reforçamento resulta na aquisição de um repertório comportamental, ou seja,

as respostas reforçadoras e/ou punitivas, oriundas principalmente dos nossos primeiros modelos comportamentais (na maioria das vezes os pais e/ou familiares próximos), propicia ou não o desenvolvimento de classes de respostas. Ou seja, através da participação dos pais nesse processo de educar (contingências de reforçamento) há uma influência dos mesmos nos comportamentos de seus filhos, incluindo nos comportamentos ditos sexuais.

Ainda na terceira categoria, cabe destacar que além da família os jovens estão suscetíveis as mais variadas fontes de informações sobre sexualidade dos participantes, incluindo principalmente a mídia, os pares e a escola. Está última, entretanto, ainda se apresenta de forma equivocada, sendo apontada como deficitária a sua participação. Palestras esporádicas ou professores despreparados para lidar com o tema não são alternativas eficazes para a discussão acerca da educação sexual. Faz-se necessário a implantação da educação sexual como tema transversal de estudo, conforme já destacado pelos PCN desde a década de noventa, entretanto pouco realizado nos dias de hoje.

Na quarta categoria apresentada, levantou-se a opinião dos participantes sobre sexualidade no desenvolvimento humano. Já num primeiro momento pôde-se destacar um equívoco na diferenciação dos conceitos acerca do sexo e da sexualidade, sendo comumente associado ao ato sexual em si. Também nessa categoria foram levantados relatos referentes aos primeiros episódios de sexualidade, relacionados principalmente às experimentações eróticas (jogos sexuais) e em outros, às experiências sexuais (abuso, desejo sexual) no período da infância e às descobertas do desejo erótico homossexual o heterossexual na adolescência. Com relação às primeiras experiências sexuais, podemos dizer através da presente amostra, muitos jovens perderam a virgindade entre 14 e 17 anos e, outros um pouco mais tarde, evidenciando que mesmo nos casos em que tenha tido indícios de práticas sexuais na infância e puberdade, como por exemplo, as situações de abuso e exposição às cenas de sexo, as primeiras relações sexuais intencionais ocorreram depois dos 14 anos.Cabe destacar que, principalmente no período referente à puberdade e adolescência, os vínculos amorosos pareceram bem presentes e os pares de amigos também foram figuras de

grande importância para compartilhar a acompanhar essas vivências amorosas e sexuais. Nesse período, referente à puberdade e adolescência, os pares exercem grande influência, pois devido a um compartilhamento de gostos e interesses, se tornam modelos comportamentais, ultrapassando muitas vezes, os modelos representados por pais e familiares.

Por fim, na quinta categoria discutida, levantou-se a opinião dos entrevistados sobre a sexualidade atual e expectativas futuras. Parece, num primeiro momento, que a sexualidade conflituosa foi mais marcante no período da adolescência, sendo na vida adulta, após definição acerca da orientação afetivo-sexual, se tornado algo mais "tranqüilo". Pode-se destacar que ainda hoje os amigos, familiares e pares amorosos são importantes, principalmente no que se refere a uma sexualidade considerada satisfatória e ao desenvolvimento da identidade sexual, muito importante na aquisição e manutenção dos vínculos sociais.

Ao término do presente estudo, podem-se levantar algumas considerações acerca do desenvolvimento do mesmo, assim como dos seus resultados. Primeiramente se trata acerca de um estudo precursor acerca do desenvolvimento humano, mas precisamente acerca do desenvolvimento sexual, por ser visto e discutido sob a perspectiva da análise do comportamento. Cabe, contudo, um estudo mais aprofundado, utilizando-se de uma amostra maior de participantes, para confirmar ou não os resultados levantados. Entretanto, através dos resultados obtidos frente a presente amostra de participantes, não é possível destacar discrepâncias no desenvolvimento de indivíduos de orientação afetivo-sexual heterossexual e homossexual. Os familiares, os pares, a escola e os demais meios de informação acerca da sexualidade exercem tamanha influência no desenvolvimento dos indivíduos, sendo que forma como os mesmos respondem a tais influências, é determinada pelos três níveis de seleção do comportamento.

Por mais que trabalhos acerca da temática do desenvolvimento humano e sexual ainda sejam escassos no meio da análise do comportamento, muito se estuda sobre a sexualidade sob a perspectiva de outras teorias, incluindo as possíveis causas que determinam uma orientação sexual. Porém, conforme

destacado anteriormente, até o presente momento, não há um consenso sobre qual fator seria determinante para um indivíduo ser heterossexual ou homossexual, tampouco esse foi um dos objetivos do presente estudo. Sabe-se, entretanto, que na família estão os primeiros modelos disponíveis no contexto de uma criança, e é através dessa interação que se inicia a consolidação de uma identidade e o desenvolvimento de classes de comportamento, incluindo os comportamentos sexuais. Porém, cabe a escola um importante papel nesse processo, que é de reforçar algumas regras e valores morais, característicos e que diferem de uma sociedade para outra. Mas é na relação com os pares, por sua vez, que o indivíduo forma vínculos de acordo com uma identificação pessoal e interesses em comum.

Os resultados do presente estudo indicam que não foi possível destacar características determinantes no processo de desenvolvimento da sexualidade e, consecutivamente, no desenvolvimento da orientação afetivo-sexual, seja ela heterossexual ou homossexual. Se recorrermos aos pressupostos da análise do comportamento, esses resultados são coerentes uma vez que nossos comportamentos são decorrentes dos três níveis de seleção do comportamento. Carregamos uma carga genética que diferencia, entre indivíduos de uma mesma espécie, algumas (ou muitas) características frente aos demais. Soma-se à genética a aprendizagem, ou seja, cada um de nós passa por experiências diferentes, o que consecutivamente resulta em repertórios comportamentais distintos. Por fim, porém com a mesma importância, ainda temos os aspectos culturais. O que isso quer dizer? Indivíduos que compartilhem de algumas características em comum, ainda sim se comportariam diferentemente um do outro, não apenas decorrente da genética e do aprendizado, mas também influenciado pelo contexto, denominado de ambiente, onde está inserido. Ou seja, crianças que cresçam sem a presença de um modelo comportamental masculino não necessariamente se perceberiam como homossexuais futuramente, uma vez que há a influência do meio durante o desenvolvimento, mas ela por si só não é determinante para o desenvolvimento e manutenção de classes de comportamento.

Entretanto, vale novamente ressaltar a necessidade de mais estudos nesta área, visto que ainda existem muitos equívocos e tabus em torno da relação entre sexualidade e desenvolvimento humano, principalmente no que se refere à discussão sobre as orientações afetivo-sexuais.

Como relata Spencer (1995), no seu livro *Homossexualidade – uma história*, necessitamos de uma nova teoria da sexualidade humana, que evite a dominância de um dos sexos e a subalternidade do outro. As pessoas poderão trabalhar, viver e amar juntas, em maior harmonia, se respeitarem tanto o lado masculino quanto o feminino que trazem dentro de si.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. L. M. A construção histórica da sexualidade. In.: RIBEIRO, M. et al. **O prazer e o pensar – Orientação sexual para educadores e profissionais de saúde**. São Paulo: Editora Gente, 1999.

BAPTISTA, M. N. **Metodologias de pesquisa em ciências: análise quantitativa e qualitativa.** Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2007.

BEE, H. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1994.

BERTAGNOLIi, A. C.; CARDOSO, B. M.; HÜBNER, L. F.; PERGHER, G. K. Terapia cognitivo-comportamental com pacientes homossexuais. In PICCOLOTO, N. M.; WAINER, R.; PICCOLOTO, L. B. **Tópicos especiais em terapia cognitivo-comportamental**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008

CARRARA, K. **Behaviorismo radical: crítica e metacrítica**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

CASTAÑEDA, M. **A Experiência homossexual**. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

FARIA, M. O.; MAIA, A. C. B. **Adoção por homossexuais – A família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica.** Curitiba: Juruá Editora, 2009.

GUILHARDI, H. J. **Como a TCR vê a homossexualidade**. Disponível em <www.terapiaporcontingencias.com.nr> Acesso em: 24 set. 2007.

HARDIN, K. N. **Auto-estima para homossexuais – Um guia para o amor próprio**. São Paulo: Edições GLS, 1999.

HEILBORN, M. L. et al. **O aprendizado da sexualidade – reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Garamond e Fiocruz, 2006.

HITE, S. **The Hite report – A nationwide study of female sexuality**. New York: Seven Stories Press, 1976.

HITE, S. **The Hite report on male sexuality**. New York: Ballantine Books Inc., 1981.

HAYDU, V. B. Aprendizagem: desenvolvimento e adaptação. In.: ZAMBERLAN, M. A. T. (org) **Psicologia e prevenção: modelos de intervenção na infância e adolescência**. Londrina: Eduel, 2005.

KAMEL, L.; PIMENTA, C. **Diversidade Sexual nas Escolas: o que os profissionais de educação precisam saber**. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

KINSEY, A. C. **Sexual Behavior in the Human Male**. Bloomington: Indiana University Press, 1948.

KINSEY, A. C. **Sexual Behavior in the Human Female**. Montain View: Ishi Press, 1953.

KOLODNY, R. C., MASTERS, W. H.; JOHNSON, V. E. **Manual de Medicina Sexual**. São Paulo: Editora Manole, 1982.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAIA, A.C.B. Orientação Sexual na Escola. In: RIBEIRO, P. R. M. et at. **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004, p. 153-179.

MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. Educação para as questões de gênero e diversidade sexual. In: MORAES, M. S.; MARANHE, E. A. **Educação na Diversidade e Cidadania** Vol. 4. Bauru: UNESP; Brasília: MEC/SECAD, 2009.

MAIA, A. C. B; Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Revista Psicopedagogia on line- Educação & Saúde**, 2010. ISSN 1808-6225

MARTELL, C. R.; SAFREN, S. A.; PRINCE, S. E. **Cognitive-Behavioral Therapies With Lesbian, Gay and Bisexual Clients.** New York: The GuilfordPress, 2004.

MASTERS, W.H.; JOHNSON, V.E. **Human Sexual Response**. New York: Bantam Books, 1966.

MASTERS, W.H.; JOHNSON, V.E. **Human Sexual Inadequacy**. New York: Bantam Books, 1970.

MATIAS, D. Psicologia e orientação sexual: Realidades em transformação. **Análise Psicológica**, vol. XXV, no. 1, pp 149-152. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada-CRL, 2007.

MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MIGUEL, R. B. P.; TONELI, M. J. F. Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão da literatura nacional e internacional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 285-293, maio/ago, 2007.

MIKULAS, W. L. **Técnicas de modificação de comportamento**. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil Ltda., 1977.

MODESTO, E. **Vidas em arco-íris: depoimentos sobre a homossexualidade**. Rio de Janeiro: Editora Record Ltda., 2006.

MOTT, L. **Em defesa do homossexual**. Disponível em <www.dhnet.org.br/direitos/militantes/luizmott/mott1.html> Acesso em 16 set. 2009.

NUNAN, A. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Editora Caravansarai, 2003.

NUNES, C.; SILVA, E. **A Educação Sexual da Criança – polêmicas do nosso tempo.** Campinas: Editora Autores Associados Ltda., 2006.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: Artmed Editora, 2006.

PEDROSA, J. B. **Segundo Desejo**. São Paulo: Iglu Editora, 2006.

PEDROSA, J. B. **Garoto rebelde – Surgimento da homossexualidade na criança.** São Paulo: Biblioteca 24x7, 2010.

PEREIRA, A. C. A. **O adolescente em desenvolvimento.** São Paulo: Editora Harbra, 2005.

PEREIRA, H. A identidade (homo)sexual e os seus determinantes: Implicações para a saúde. **Análise Psicológica**, vol. XXIII, no. 3, pp 315-322. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada-CRL, 2005.

PICAZIO, C. **Diferentes desejos: adolescentes homo, bi e heterossexuais**. São Paulo: Edições GLS, 1998.

RIESENFELD, R. **Papai, mamãe, sou gay! – Um guia para compreender a orientação sexual dos filhos**. São Paulo: Editora GLS, 2002.

RIBEIRO, M. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2009.

SANTOS, A. M. **Homossexualidade e Psicoterapia**. Disponível em: <www.vivercomqualidade.psc.br > Acesso em: 11 nov. 2007.

SCHILINGER, H. D. **A Behavior Analytic View of Child Development**. New York: Plenum Press, 1999.

SHARPE, T. H. Adolescent Sexuality. **The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families**, vol. 11, no. 2, pp 210-215. Alabama: University of South Alabama, 2003.

SHARPE, T. H. Adult Sexuality. **The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families**, vol. 11, no. 4, pp 420-426. Alabama: University of South Alabama, 2003.

SILVA, M. C. A. Formação e Desenvolvimento da Identidade Sexual ou Identidade de Gênero. In.: Ribeiro, M. (org.) **O Prazer e o Pensar: orientação sexual para educadores e profissionais da saúde.** São Paulo: Editora Gente, 1999.

SILVA, M. C. A. **Desenvolvimento da Identidade Sócio-Sexual Humana**. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1983.

SILVARES, E. F. M. Orientação Sexual da Criança. In.: BRANDÃO, M. Z. S. (org.) **Comportamento Humano – tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor**. Santo André: Esetec Editores Associados, 2002.

SILVARES, E. F. M. Sexualidade na infância: quando e como intervir. In.: MARINHO, M. L.; CABALLO, V. E. **Psicologia clínica e da saúde**. Londrina: Eduel, 2001.

SKINNER, B. F. **Beyond freedom & dignity**. New York: Bantam Books, 1971.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

SKINNER, B. F. Contingências de Reforço. In Abril Cultural (Séries Ed), **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1979.

SOLER, F. G. Evolución y orientación sexual. **Perspectivas En Psicología**, vol. 1, no. 2, pp 161-173. Bogotá: Universidad Nacional de Colômbia, 2005.

SPENCER, C. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro: Editora Record Ltda., 2007.

WILSON, I. The Emerging Gay Adolescent. **Clinical Child Psychology and Psychiatry**, vol. 4, no. 4, pp 551-565. Birmingham: University of Birmingham, 1999.

VASCONCELOS, L. A.; NAVES, A. R. C. X.; ÁVILA, R. R. Abordagem analítico-comportamental do desenvolvimento. In.: TOURINHO, E. Z.; LUNA, S. V. **Análise do comportamento – Investigações históricas, conceituais e aplicadas.** São Paulo: Editora Roca Ltda., 2010.

VIDAL, F. **Homossexualidade: Ciência e Consciência**. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de um projeto intitulado **"ORIENTAÇÃO AFETIVO-SEXUAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO: RELATOS DE PESSOAS SOBRE A INFÂNCIA, ADOLESCENCIA, RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS**", promovido pelo psicólogo e aluno da Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, da Universidade Estadual Paulista, campus Bauru, Felipe Ganzert Oliveira, sob a orientação da professora Ana Claudia Bortolozzi Maia.

Este estudo tem por objetivo verificar como ocorre o processo de formação da sexualidade e a orientação afetivo-sexual, a partir dos relatos de jovens e adultos. Não há risco físico ou danos morais relacionados à sua participação que não envolverá compensações financeiras e nenhum tipo de despesa para o participante. A qualquer momento você poderá desistir de sua participação, sem nenhum comprometimento bem como manter-se informado sobre o estudo com os responsáveis no telefone: [redacted] ou endereço de e-mail: felipe@psiclin.com

Afirmamos que a participação é sigilosa, sua identificação será anônima e todos os dados serão utilizados no contexto da pesquisa apenas como meio de divulgação científica e solicitamos sua autorização, por escrito, declarando que foi devidamente esclarecido e aceitou participar voluntariamente na pesquisa.

Uma declaração assinada ficará em posse do pesquisador e a outra com o participante.

DECLARAÇÃO (1ª via)

Eu _____, portador do RG _____ estou ciente das informações acima descritas e aceito participar, de modo voluntário, da pesquisa "ORIENTAÇÃO AFETIVO-SEXUAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO: RELATOS DE PESSOAS SOBRE A INFÂNCIA, ADOLESCENCIA, RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS"**, respondendo às questões na entrevista e autorizando a utilização dos dados obtidos com a minha participação, de modo sigiloso e para fins acadêmicos e científicos.**

_____, _____ de 2009.

_____
Assinatura do participante

Dados para contato: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem- Faculdade de Ciências- UNESP-Bauru.
Telefone na UNESP: (14) 3103 6070;
Telefone do pesquisador: [redacted]

DECLARAÇÃO (2ª via)

Eu _____, portador do RG _____ estou ciente das informações acima descritas e aceito participar, de modo voluntário, da pesquisa "ORIENTAÇÃO AFETIVO-SEXUAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO: RELATOS DE PESSOAS SOBRE A INFÂNCIA, ADOLESCENCIA, RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS"**, respondendo às questões na entrevista e autorizando a utilização dos dados obtidos com a minha participação, de modo sigiloso e para fins acadêmicos e científicos.**

_____, _____ de 2009.

_____
Assinatura do participante

Dados para contato: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem- Faculdade de Ciências- UNESP-Bauru.
Telefone na UNESP: (14) 3103 6070;
Telefone do pesquisador: [redacted]

APÊNDICE 2
ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADO

ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADO

DADOS PESSOAIS

1. Nome.
2. Idade.
3. Ocupação:
4. Religião sua: _____ praticante ( ) não praticante( )
5. Religião predominante da família: _____
6. Como você avalia a condição social e econômica de sua família:
   ( ) muito baixa ( ) baixa ( ) media ( ) media alta ( ) alta
7. Ocupação dos pais.
8. Demais pessoas que residem juntos.
9. Ocupação dos mesmos.
10. Defina sua orientação sexual.

DESENVOLVIMENTO HUMANO, RELAÇÕES PARENTAIS E SOCIALIZAÇÃO

11. Relate como foi sua infância/adolescência. Como eram suas relações sociais? E com quem?
12. E com relação aos seus pais, como era sua relação com eles? Quem tomava as decisões (ex. quem decidia em que escola você iria estudar ou quais ocupações que você deveria ter.)
13. Quem era a pessoa mais próxima a você? Seu pai? Sua mãe?
14. Como era a relação dos seus pais entre si? Descreva.
15. Alguém mais viveu esse período na sua casa? Se sim, quem? Descreva como era essa pessoa e como era sua relação com a mesma.
16. E com relação com o restante da família, mantinha relações com mais alguém? Quem? Descreva como era essa relação.
17. Com relação a sua sexualidade, você acredita que sua educação familiar influenciou a sua forma de viver a sexualidade? Em que sentido?

18. Como sua família compreendia as questões da sexualidade (conversava sobre isso, era repressora, conservadora, por ex?)
19. E como eram suas relações sociais na escola? Com quem mantinha contato?
20. Participava de alguma atividade extra-escolar? Qual? (Esporte, música, dança etc.). Se sim, quem escolheu a atividade que você viria a fazer? Alguém realizava esta atividade contigo?
21. E além da escola, tinha amizade com mais alguém? Quem? Onde essa(s) pessoa(s) morava(m)?
22. Quais foram as suas principais fontes de informação sobre sexualidade durante a infância e adolescência?

EDUCAÇÂO E DESENVOLVIMENTO SEXUAL

23. Você lembra algum episódio de sexualidade que tenha vivido na infância? Conte um pouco.
24. Como foi a descoberta da sua sexualidade? Aconteceu com que idade?
25. Tem lembranças das suas primeiras impressões/descobertas eróticas? Consegue descrevê-las?
26. Quando teve seus primeiros relacionamentos amorosos (ficar, namoro, etc.) como foi?
27. Quando teve sua primeira relação sexual? Como foi essa experiência?
28. E qual foi o suporte de sua família no processo de formação da sua sexualidade? Qual o impacto do tema na mesma? Como esse assunto é visto e discutido até hoje?
29. E qual foi o papel da escola no processo de formação da sua sexualidade? Houve algum suporte?
30. E com relação aos pares, qual a participação dos mesmos nesse processo? Descreva.

SEXUALIDADE ATUAL

31. O que você entende por sexualidade?

32. Você comentou que se percebe hoje homossexual/heterossexual. Como percebe e vive hoje sua sexualidade? Está realizado, feliz ou não? Por quê? Quais dificuldades ou facilidades na sua vida amorosa ou sexual atual?
33. Quais são suas expectativas com relação a sua sexualidade? O que pretende conquistar para sua vida amorosa e sexual futura?
34. E hoje, como estão suas relações com os pares (amigos?) E suas relações afetivas?
35. Existe algum aspecto que lhe pareça relevante e não foi levantado nesta entrevista? Se sim, qual?

APÊNDICE 3
TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS ORGANIZADAS EM TEMAS

L.A.	“Sempre em casa. Minha mãe, na época, era comissária, então eu morava com a minha avó, com uma tia e um tio, esse era o meu vínculo.”
G.G.	“Eu sempre vivia no meio da mulherada. Nossa, eu só tinha amiga mulher. (...) Porque desde pequeno todo mundo falava que eu ia ser “viado” (...)”
M.K.	“Meus primos eram muito próximos, tanto primos quanto primas. Eu sempre tive uma boa relação com eles, dormia muito na casa deles, passava um tempo dormindo na casa de primos e primas. Tinha uma boa relação com amigos, na minha infância a maior parte eram amigos homens. Amigos vizinhos e da escola.”
B.M.	“Na infância, enquanto meus pais não se divorciaram, eu era um garoto mais, muito arteiro, assim sabe? (...) Assim que meus pais se separaram eu vim para Curitiba e não sei, não lembro muito bem o que eu sentia, mas tenho a impressão que eu não me adaptei direito, até pela questão do divorcio, nova cidade, novos colégios, e eu comecei a ficar um pouco mais retraído, mas introvertido assim, me arriscando pouco socialmente. (...) Então tive poucos amigos durante a infância, mas sempre sentia falta, sempre achava legal ter bastante amigos, mas somente no inicio da adolescência que eu tive, que eu fui começar a tomar alguns tipos de atitude para conquistar alguns amigos. Então na adolescência deu uma mudada muito grande assim, deixei de ser aquela pessoa introvertida e tal, e comecei a buscar mais amizades, cultivar mais amizades, amizades essas a maioria da escola (...)”
L.E.	“Então assim, foi bem tranqüilo. Na adolescência também, da mesma forma. Nunca tive nenhum conflito, né? Digamos assim, nem com meu pai, nem com minha mãe...”
M.A.	“Bom, enfim, minha infância foi meio conturbada, desde o começo, pois nasci de pais separados e minha mãe levou o

	estigma da mulher divorciada, porque ainda não era tão comum. (...) Depois, quando tinha 3 anos e meio, 4 anos, os meus irmãos saíram de casa (...) moraram durante 2 anos com meu pai e com minha madrasta, e assim, foram os 2 anos de vida mais difíceis da minha vida até hoje, pela falta dos meus irmãos e por uma coisa que demorei muito tempo, só depois de muita terapia que eu consegui falar abertamente. (...) passei por 2 anos de abuso sexual assim. E eu não sabia o que fazer, eu tinha 4 anos, mais ou menos, até meus 6 anos e meio."
C.S.	"Minha infância foi normal, em cidade do interior (...) brincava muito em terra, ficava muito pra rua (...) Na adolescência fui mais rebelde, era o começo de algumas descobertas sexuais, fumava, bebia, saia com meus amigos (...)"
L.S.	"Bom, para mim tem dois períodos bem distintos. É, eu sou de Campinas, então quando eu morava em Campinas e depois de mudar para Curitiba. Eu morei em Campinas desde que eu nasci até os meus catorze anos e essa fase para mim, socialmente, foi praticamente nula. Não tinha amigos, não sabia me socializar mesmo, nunca troquei de casa quando morava lá, não tinha vizinhos. (...) E daí quando eu mudei para Curitiba, eu vim sem conhecer ninguém. (...) depois disso eu comecei a falar com todo mundo. (...) E acabou dando certo. (...) Aí acabei fazendo mais amigos."

Quadro 3– Descrição da infância/adolescência

L.A.	"A minha mãe eu via uma vez por semana, quando ela vinha pra casa, e ficava um ou dois dias. (...) Mas não era uma relação de amizade, muitas coisas eu guardava e ela nem ficava sabendo o que realmente acontecia."
G.G.	"(...) minha mãe sempre foi minha melhor amiga, em tudo na minha vida, até hoje e desde sempre. Meu pai e minha mãe separaram quando eu tinha 5 anos, então meu pai morou praticamente todo tempo no interior do Paraná, com outras

	esposas, realmente no plural, e todas as amantes que ele teve ao longo da vida, e não foram poucas.”
M.K.	“Era boa e conturbada ao mesmo tempo. Apesar de ter conversa, eram raras as conversas, não eram constantes, eu passava a maior parte do tempo com meus avós. Cheguei a morar com minha avó, com meu avô. A gente tinha uma relação difícil, complicada, de pouco diálogo.”
B.M.	“Sempre foi muito boa minha relação, em especial com meu pai. Ele era sempre, apesar da separação, ela sempre foi muito, não foi sempre presente, mas sempre foi muito intenso, seja por telefone ou os poucos dias do ano que a gente ficava juntos, sempre foi muito intenso como pai. Tive ele como bom exemplo de pessoa em algumas áreas e com a minha mãe não fui tão próximo, até porque ela dividiu a função de cuidar de mim junto com meus avós, meu avô falecido já e minha avó ainda viva.”
L.E.	“Minha mãe. Meu pai era muito de falar, é aquele jeito assim, de falar algo, de dizer não, e ‘blá blá blá’. E minha mãe sempre foi daquele tipo, né? Se não é não, se sim é sim. Eu brinco que a gente sempre procurava meu pai primeiro, e se ele dissesse sim, sim pode. Agora se ele disse não, a gente falava com minha mãe.”
M.A.	“Meu pai foi ausente por aproximadamente 15 anos da minha vida e com minha mãe nunca houve muito diálogo.”
C.S.	“Durante minha infância e adolescência tive uma relação mais afetuosa com minha mãe. Meu pai era, sempre foi uma pessoa muito brava, é... Minha mãe era quem ficava mais tempo com a gente, eu lembro que os dois brigavam muito, e eu tinha muito medo do meu pai.”
L.S.	“Bem difícil também. Na infância meu pai bebia muito, e sempre bateu muito na gente, então a relação era muito complicada. Na verdade não tinha relação, era nula mesmo. (...) A relação com minha mãe era... ela tentava compensar,

	falava muito, mas acabava falando mal também, então era muito mais pendendo para o lado da minha mãe.”

Quadro 4 – Relato da relação com os pais

L.A.	“Minha mãe.”
G.G.	“Minha mãe!”
M.K.	“A minha mãe.”
B.M.	“Meu pai, com toda certeza.”
L.E.	“(...) meu pai, pelo fato dele ser mais flexível e porque ele também era mais carinhoso.”
M.A.	“Minha mãe.”
C.S.	“De nenhum dos dois em específico. Era da minha mãe para coisas mais burocráticas, nada muito afetivo.”
L.S.	“A minha mãe.”

Quadro 5 – Opinião sobre com qual dos pais mantinha contato mais próximo

L.A.	“A história que eu sei é que quando minha mãe descobriu que estava grávida ela foi comentar com ele e, segundo ela, ele não quis aceitar a gravidez e ela seguiu sozinha, me criando sozinha. (...) Ele eu vi quando tinha 15 anos, eu vi duas vezes, foi em julho e agosto, daí também nunca mais vi.”
G.G.	“Quando eu era criança eu nunca vi meus pais brigarem, eu nunca vi meu pai faltar com respeito com minha mãe e vice-versa, acho que eles nunca brigaram enquanto estiveram juntos. (...) A única vez aconteceu quando eles se separaram, minha descobriu que estava sendo traída, e eu lembro de (...) minha mãe embalando as coisas deles, jogando as coisas dele por cima do portão, querendo furar os pneus do carro dele com uma faca de ‘serrinha’.”
M.K.	“Era complicada também, tinham muitas brigas, enfim, era difícil. Não era uma relação boa.”
B.M.	“De infância eu vou lembrar pouco, até porque eu vim pra cá

	com quase 6 anos. Mas eu vi algumas brigas, assim. Muitas brigas, até. E depois com o divórcio, brigas por telefone. Houve uma tentativa de reconciliação que foi frustrada logicamente, acabou não se concretizando."
L.E.	“Uma coisa que nunca aconteceu, pelo menos na minha frente, foi de um tirar a autoridade do outro. No final acabavam optando pelo que queria minha mãe, mas chegavam a isso conversando. E eles sempre se relacionaram muito bem, estão com quase 30 anos de casados e eu nunca vi eles discutindo.”
M.A.	“Minha mãe ficou casada com meu pai durante 13 anos, e foram 13 anos de traição. Acabou quando ele acabou se relacionando com uma amiga de minha mãe, que era nossa vizinha de muro. Depois disso minha mãe sempre falava que homem não prestava, com exceção dos meus irmãos e do meu avô.”
C.S.	“Eles brigavam o tempo todo. Eles se separaram no meio da minha adolescência.”
L.S.	“Meus pais são casados só no papel, na verdade eles não dormem no mesmo quarto desde os meus dez anos. Desde muito tempo eles dormem separados e sempre só brigaram. Então eu quando era criança rezava para eles se separarem, pedia para eles se separarem.”

Quadro 6 – Descrição da relação dos pais entre si

L.A.	“Não, primas, primos, mas todos distantes, que a gente só se via em ocasiões sociais, aniversários, casamentos, mas ninguém próximo.”
G.G.	“Minha madrinha, alguns primos que são muito próximos. Em geral minhas 2 madrinhas e meus primos.”
M.K.	“Com meu avô e minha avó, que cheguei a morar junto, e com minha outra avó, ia sempre dormir na casa dela, ficava sempre com ela. Mas eu acho que é só. Bastante com meus primos, e com minha avó, meu avô e minha avó. Sempre tive uma

	relação muito boa com eles.”
B.M.	“Bom, vai ter só o meu tio, irmão da minha mãe, mora aqui com a família dele, com esposa de dois filhos. E alguns outros parentes, mas não tão próximos assim, minha família é pequena.”
L.E.	“Além dos tios, os primos e os avós. A relação era sempre próxima, boa, né?”
M.A.	- -
C.S.	“Com meus avós, tios, primos. Tinham encontros nos finais de semana, com os dos avós, tanto da parte da mãe quanto da parte do pai, e era normal. Um encontro de família, normal.”
L.S.	“Meus pais são casados só no papel, na verdade eles não dormem no mesmo quarto desde os meus dez anos. Desde muito tempo eles dormem separados e sempre só brigaram. Então eu quando era criança rezava para eles se separarem, pedia para eles se separarem.”

Quadro 7– Descrição da relação com o restante da família

L.A.	“Durante minha infância minha família não falava nada a respeito desta temática.”
G.G.	“Sempre houve muito diálogo em minha casa, minha mãe principalmente sempre foi e sempre será minha melhor amiga e sabe da minha vida toda, em detalhes... Dela eu não escondo nada!”
M.K.	“Sempre conversei abertamente sobre isso com meus pais. Meu pai principalmente tratava o assunto de forma muito aberta e natural.”
B.M.	“Na minha família materna, não existia diálogo, pois ele era e é bastante conservadora. Já na família paterna era bem diferente, principalmente com meu pai, que era altamente liberal e incentivador.”
L.E.	“Não existiam conversas, não era um tabu, mas não era uma coisa que a gente se sentia a vontade para conversar com

	eles. Eu acho que era difícil. (...) não era um tipo de assunto que surgia assim no meio de uma conversa familiar, era só por algum motivo.”
M.A.	“Nunca existiu uma conversa sobre sexo, mas não era um tabu.”
C.S.	“Eram coisas mais na questão de informação assim, explicavam o que era uma camisinha, explicaram o que era uma relação sexual, mas nunca abordando isso assim ‘se você já fez’, ‘se você foi no ginecologista’... Minha mãe nunca me levou no ginecologista, meu pai me levou no final da minha adolescência, por uma requisição minha também. Eles falaram muito da teoria, mas da prática que eu estava vivendo nunca foi muito abordada assim.”
L.S.	“Era bastante conversado com minha mãe, nunca foi um tabu. Aliás, com meu pai sim, ele nem toca no assunto, mas com minha mãe não.”

Quadro 8– Compreensão da família sobre questões de sexualidade

L.A.	“Não faço idéia. Não tive a presença nem da minha mãe e nem do meu pai, e era muito rígida, eu não podia sair, e também até contato com amigos eu não poderia sair de casa, então por ter essa rigidez...”
G.G.	“Acredito que não houve influencia da minha família. O fato de eu ter sido criado só por mulheres pode ter ajudado, mas isso é complicado, eu não sei exatamente. Pode ter ajudado por ter sido criado só por mulheres e vivido num universo feminino e isso ter me feito enxergar que mulheres são bizarras.”
M.K.	“Eu acho que sim, eu acho que um pouco, sabe? Tanto pelo lado bom quanto pelo lado ruim. Influenciou como modelo assim, do meu pai, pela forma como ele lidava com a sexualidade dele e o que eu aprendi com ele, e vi o que eu não gostaria de estar fazendo, como que ele fazia, mas como o lado bom também, minha mãe sempre foi uma pessoa muito

	séria, muito certa com relação a isso, então eu acho que tive os dois modelos e..."
B.M.	"Com toda certeza. Minha família não, mas meu pai com toda certeza, desde criança, ele me influenciava."
L.E.	"Então assim, eu não sei se a educação que eles me deram influenciou diretamente na minha sexualidade. Mesmo porque teria influenciado na minha irmã também. (...) Então eu acredito sim que é uma coisa que você nasce, e família apenas poderia dar a liberdade de você ser quem você é, e tem algumas famílias que não permite."
M.A.	"Sim, porque eu acredito que ninguém nasce gay, sabe? Acho que podemos ter uma predisposição, mas as experiências são determinantes para isso. Acho que tudo foi determinante, o abuso... minha mãe que falava que os homens não prestavam..."
C.S.	"Sim, a sexualidade na minha família nunca foi muito aberta, sempre foi muito restrita essa comunicação. Só que, eu não te definir se influenciou na minha opção sexual, acho que não na verdade, mas é o jeito que eu levo minha sexualidade hoje, é como eu lido com ela, no meu dia-a-dia."
L.S.	"Sim, minha mãe sempre foi bem aberta nessa parte de educação, assim. (...)ela sempre ensinou super bem, responsabilidade, não ter pressa, não ir na onda dos amigos. Isso com tudo, desde beijo até sexo mesmo."

Quadro 9 – Opinião da influência familiar sobre a forma de viver a sexualidade

L.A.	"Com minha avó era bem tranqüilo, a minha tia mais rígida com relação a regras, a horários, a tudo, então não tinha uma afeição a ela. E o meu tio então era mais jovem assim, então era tranqüilo."
G.G	"(...) eu só tinha amizade com mulher, me interessava por bandinhas que as meninas gostavam, enfim, era isso."
M.K.	"Meus primos eram muito próximos, tanto primos quanto

	primas. Eu sempre tive uma boa relação com eles, dormia muito na casa deles, passava um tempo dormindo na casa de primos e primas. Tinha uma boa relação com amigos, na minha infância a maior parte eram amigos homens. Amigos vizinhos e da escola."
B.M.	"(...) a maioria tudo menino, tudo homem."
L.E.	"(...) eu ia bastante na casa dos meus avós. Tinha muitos primos, tive muitos amigos de infância também, então posso te dizer que minha infância foi bem tranqüila."
M.A.	"Tinha relação com meus avós, sendo que, conforme eu disse meu avô desempenhou a função de pai. (...) Além disso também tinha relação com meus primos, mas era difícil, aquela coisa que sempre falam, que criança é maldosa, porque eu sofria com o fato de não ter os pais e eu tinha primos da minha idade e era sempre assim: 'você não tem pai'."
C.S.	"Minha infância (...) brincava com meus avós (...) sempre tive muito contato com meu irmão, a gente saia para brincar, e também tinha contato com meus primos. E com alguns amigos de infância... Na adolescência (...) Não era rodeada de muitos amigos, mas tinha alguns."
L.S.	"Depois que vim para Curitiba acabei fazendo muitos amigos e era bastante misturado, bastante amigos homens e bastante amigas mulheres."

Quadro 10 – Descrição das relações sociais na infância/adolescência

L.A.	"Péssimas. Contatos eram muito poucos, sempre com meninas, nunca tive amigos meninos na escola, mesmo porque nessa época já começava o preconceito, os xingamentos, então eu sempre tive amigas."
G.G.	"Mantinha contato com o pessoal do vôlei. (...) Na infância mantinha contato mais com meninas e o grupo do vôlei era misto."
M.K.	"Com amigos homens."

B.M.	“Até a adolescência eu não tinha muitos amigos, eu era mais retraído, mas recluso, assim. Tinha medo, era muito inseguro.”
L.E.	“Eu tive um monte de amigos na infância que começaram na pré-escola e terminaram no pré-vestibular, né? Eu sempre fui mais próximo do grupo de mulheres, meninas, mas sempre me dei muito bem com os homens. (...) As mulheres são mais difíceis, mais difíceis de chegar, de conversar... Pelo menos na minha experiência os homens são mais fáceis.”
M.A.	“Na escola era muito difícil, eu tinha dificuldade de comportamento, eu era muito quieta. Sempre fui de ter um amigo e era aquele.”
C.S.	“Foi muito tranqüila assim, sempre fui uma criança muito falante, era tirada muito de sala, falava muito, conversava muito, me adiantava na frente de todo mundo, em tarefas, nessas coisas... E na minha adolescência também tive alguns problemas disciplinares, e minha relação com meus amigos era mais direcionada a isso, sempre estava no grupinho que era aquele que era mandado para fora, e sempre conversando muito.”
L.S.	“Depois que vim para Curitiba acabei fazendo muitos amigos e era bastante misturado, bastante amigos homens e bastante amigas mulheres.”

Quadro 11 – Descrição das relações sociais na escola

L.A	“Sexualidade é o comportamento que o individuo utiliza para manifestar seus instintos, antigamente utilizado apenas para fins de procriação e com o passar dos tempos utilizado tanto para procriação quanto para satisfação dos instintos, do prazer.”
G.G.	“Sexualidade é uma forma de viver, onde você busca incessantemente a felicidade ao lado do companheiro ou da companheira que escolheu para estar ao seu lado.”
M.K.	“Acho que são comportamentos, sei lá, tipos de expressão,

	que são relacionados ao gênero. Comportamentos relacionados ao gênero masculino, comportamentos relacionados ao gênero feminino, entende?"
B.M.	"Considero que seja um instinto natural, manifesto através de diversos comportamentos, e influenciado direta e indiretamente pelo meio social, cultural... É fundamental para o desenvolvimento pleno do sujeito."
L.E.	"É a sua identidade, não que você vai ser reconhecido na rua por heterossexual ou homossexual, mas eu acho que você se impõe de maneira diferente, né? Resumindo é isso, a sua identidade, como você se mostra e se impõe perante a sociedade."
M.A.	"(...) percebo a sexualidade como algo construído, não determinado. Hoje sou lésbica, mas não sei como será depois. Vejo tantos homens com 50, 60 anos que, quando todos acham que já estão no fim, sem perspectivas, assumem-se como homossexuais. Acho que o que vivemos acaba sendo determinante para a nossa sexualidade."
C.S.	"Eu entendo... não sei. Eu entendo que é uma questão hormonal, física, e que tem uma parte social, que envolve, que manipula, enfim... delimita."
L.S.	"É o interesse pela outra pessoa, independente de gênero, se é homem ou mulher. (...) Ter interesse pelo outro e ter interesse pelo próprio prazer."

Quadro 12– Descrição do que entende por sexualidade

L.A.	"Teve o fato de que eu fui abusado sexualmente quando eu tinha em torno de 6 ou 7 anos, não me recordo bem a data. Digamos que foi o início..."
G.G.	"Nossa, que eu me lembre eu namorei com 4 anos de idade, com uma menina e a gente dava selinhos. Depois me lembro que me apaixonei por uma menina na terceira série (8 anos)."
M.K.	"Eu lembro de um episódio, quando eu tinha mais ou menos

	uns 10 anos... Uma vizinha mais velha deixava que eu e um amigo tocássemos nos seus peitos. Não lembro ao certo quantos anos ela tinha, mas lembro que ela era mais velha.”
B.M.	“Sim, quando tinha 10 anos meu pai e seus amigos levaram diversas garotas, com 18, 20 e poucos anos... (...) Nós as víamos tendo relações sexuais, nuas, tomando banho... quase tudo.”
L.E.	“Não lembro. Na verdade, assim, eu lembro que enquanto minha irmã pedia de natal boneca, carro de boneca, eu só tinha uma boneca no meu guarda-roupa. (...) E eu lembro que todo o ano eu ganhava uma bola. Bola de basquete, bola de vôlei, bola de futebol, todo ano eu ganhava uma bola.”
M.A.	“Eu lembro que aos 9 anos eu me apaixonei pela minha melhor amiga, e foi com ela inclusive que eu dei o meu primeiro beijo.”
C.S.	“Meu primeiro episódio na infância, a gente estava na casa de uma amiga da escola, num grupo de meninos e meninas, jogando um jogo, daí eu dei um selinho num menino. Acho que tinhas uns 13 anos.”
L.S.	“Hum... não lembro de nenhum episódio.”

Quadro 13 – Relato de episódio de sexualidade que tenha vivido na infância

L.A.	“Acho que foi nesse episódio (abuso), porque depois quando eu me envolvi realmente com outro menino eu já tinha 20 anos...”
G.G.	“A descoberta foi um período bem complicado, existia uma grande homofobia por parte de meus pais, mas com o passar do tempo houve o início da aceitação, e hoje é muito tranqüilo. Eu tinha 15 anos quando me descobri e foi também quando minha família descobriu sobre minha homossexualidade.”
M.K.	“Mais ou menos com 10 anos de idade. (...) Foi um período de transição na minha vida, quando começou as festinhas, então acho que a iniciação foi aí, sabe?”
B.M.	“Desde cedo, desde 7 anos. Assim que comecei a voltar para

	visitar meu pai, eu já comecei a entrar em contato. Então entre 6 e 7 anos, já comecei a ter contato com revistas, com os hábitos do meu pai.”
L.E.	“Olha, foi no final da adolescência, início da fase adulta... Entre os 16 e 18 anos. Mais ou menos por aí. Foi com interesses em homens, não sei se era o meu subconsciente, mas eu tinha interesse em homens. Não sei se era por interesse das amigas."
M.A.	“Foi aos 9 anos que eu comecei a perceber que eu me interessava por meninas...”
C.S.	“Na realidade eu acho que tenho essa concepção desde a terceira série, uns 8 anos.”
L.S.	“Eu tinha uns 13 anos. Estava no comecinho da 8ª série. Acho que 13 para 14 anos.”

Quadro 14 – Descrição da descoberta da sexualidade

L.A.	“Não, não que eu me recorde. (...) mas experiências assim não teve, foi depois desse fato (abuso) que começou o desencadeamento, do pensar sobre o que tinha acontecido, sobre as relações sexuais, o que seria normal e o que não seria normal.”
G.G.	“Nossa, eu lembro que a primeira vez que eu ‘gozei’ foi a coisa mais bizarra mundo (...) E meu primo me ensinou o que era a masturbação. Acho que eu tinha uns 10 anos, mais ou menos. Ele tinhas uns 13 e dizia: ‘olha, é assim que faz’. Daí a gente começou a assistir um canal pornográfico, ele me ensinou como fazia, e eu me masturbei. Eu me assustei, porque eu não sabia que aquilo acontecia comigo. Depois disso eu fiquei uns 2 anos sem me tocar, porque eu tinha medo que aquilo acontecesse de novo, eu não sabia o que era.”
M.K.	“Eu não lembro. Cheguei a pensar sobre isso a um tempo atrás, mas não lembro exatamente, mas eu acho que foi nessa época, ou um pouquinho antes, sabe? Mas foi nessa faixa

	assim, que eu comecei a descobrir por amigos que falavam sobre masturbação, sobre como funcionava, eu não tinha conhecimento. Daí meu pai, perguntei pro meu pai, e ele que respondeu na época. Me ensinou as coisas sobre masturbação, sobre sexualidade, essas coisas.”
B.M.	“Com 7 anos já me masturbava, já via filme pornográfico, aos 9 estava me envolvendo com, possivelmente, prostitutas, nunca ficou bem claro, mas deveriam ser.”
L.E.	“Foi mais tarde. Eu nunca foi encanada com essas coisas. Eu queria viver toda a fase da minha adolescência, por opção então eu não queria namorar, queria ficar assim... Voltei a pensar nisso aos 23 anos, né? Foi por aí, aos 23 anos.”
M.A.	“Lembro de 2 episódios, também quando eu tinha 9 anos de idade. Lembro que nessa idade eu era apaixonada pela Fafá de Belém, e que minha mãe tinha um vinil dela que, quando você abria o encarte, tinha uma foto enorme dela de hobby, mostrando a perna... Outro episódio que me lembro foi num dia que cheguei em casa e vi que meu irmão tinha esquecido uma Playboy em cima da cama. (...) Lembro que passei a tarde inteira vendo a revista, e que foi a primeira vez que vi um corpo feminino nu além do da minha mãe.”
C.S.	“Acho que surgiu nessa mesma época assim, dessa questão que houve sedução, de criança, de você querer seduzir outro rapaz, outro menino da mesma faixa etária.”
L.S.	“Acho que não tive, eu era tão boba. Eu nem menstruava... Fui menstruar com 14, no final de 8ª série! Eu acho que não tive, eu era bem ingênua mesmo. Eu lembro que comecei a pensar nisso só lá pelos 15 anos, mas nada de mais.”

Quadro 15 – Relato das primeiras impressões/descobertas eróticas

L.A.	“A primeira vez que fiquei com alguém foi quando eu tinha 20 anos, foi muito bom, pois foi com uma pessoa que tenho uma grande estima até hoje.”

G.G.	“Foi aos meus 8 anos, quando eu me apaixonei pela menina que disse antes. Chegamos até a namorar.”
M.K.	“Eu fiquei a primeira vez quando eu tinha 11 anos. Fiquei um pouco ansioso, aconteceu numa festa americana... Na época meus amigos começaram a ter seus primeiros relacionamentos e por influência comecei a me interessar também."
B.M.	“A partir dos 16, 17 anos. Comecei a namorar nessa época e depois tive outros relacionamentos, sempre com garotas da minha faixa etária.”
L.E.	“Comecei a namorar sério nesse período dos 23 anos. Antes tiveram os namoricos, ficava uma semana ou duas. Tinha mais ou menos uns 16 anos.”
M.A.	“A primeira vez que fiquei foi aos 14 anos, com uma amiga de uma amiga minha da escola, C., sendo que inclusive namorei com ela depois, durante 2 anos.”
C.S.	“Com quinze anos. Foi na praia, um menino que eu conhecia a pouco tempo, dei meu primeiro beijo, a gente ficou só esse dia.”
L.S.	“Fiquei pela primeira vez quando tinha 14 anos, e foi numa “balada”. (...) Foi bem ruim. E eu me arrependi bastante depois. Não por ter ficado com o menino, mas por não ter nenhuma história para contar, por não ter sido uma pessoa que eu gostasse.”

Quadro 16 – Relato dos primeiros relacionamentos amorosos (ficar, namorar, etc.)

L.A.	“Foi aos 20 anos, e na verdade eu considero como tendo sido a primeira realmente. Foi tenso, eu estava nervoso, mas era com alguém que eu gostava, era com alguém que eu queria realmente estar, então tinha essa diferença.”
G.G.	“Minha primeira vez foi aos 17 anos e foi traumática. Eu parei e pensei: ‘eu vou transar’, e tive uma crise de risos e ele olhava para mim e não entendia nada. Falei para ele que era a

	primeira vez que fazia isso e ele entrou em pânico. Aí ele teve uma crise de risos também. E foi ridículo! E foi isso. Depois rolou e foi isso.”
M.K.	“Foi com prostitutas quando eu tinha 13 anos de idade. Acho que na época foi uma experiência legal por falar “nossa, eu já não sou mais virgem”, mas pensando hoje não foi tão, sabe? Proveitosa foi, mas não foi legal.”
B.M.	“Aos 16 anos. Obviamente foi boa essa experiência, foi com uma garota que meu pai apresentou na época, eu acho que ele armou um esquema pra mim, só pode. Porque acabou que nós ficamos na casa e rolou.”
L.E.	“Foi com 22 anos, quando eu decidi que deveria começar uma nova etapa. Foi mais ou menos, essa coisa de primeira vez. Não foi tão bom, mas foi bom, foi com quem eu queria, na hora que eu queria. Acho que tudo isso influenciou também.”
M.A.	“Foi aos 14, com a C. Ela foi muito legal, pois não forçou nada, pois eu contei sobre o abuso para ela. Ela tinha quase 17, e me respeitava bastante. Aconteceu quando eu estava segura o suficiente para isso.”
C.S.	“Foi com 17 anos, com meu ex-namorado. Foi uma coisa que a gente já conversava durante esse tempo que a gente namorava. Foi depois de 5 meses, eu acho, que a gente namorava, a gente estava voltando para casa depois da academia e aconteceu. Não foi nada muito especial.”
L.S.	“Na primeira relação sexual eu tinha... deixa eu fazer a conta... 21 anos. Foi bem bonitinho. Eu estava namorando o “fulano” e fazia uns 4 meses que a gente estava namorando. (...) Aí aconteceu lá. No dia dos namorados, foi tudo bonitinho.”

Quadro 17– Descrição da primeira relação sexual

L.A.	“O que eu ouvia falar na escola, televisão, mas nada oficial, nada de leitura.”
G.G.	“Sei lá, acho que colégio, tinha aquelas palestras idiotas.

	Ficavam vermelhos ao tentar mostrar como se colocar uma camisinha. Depois, aos 17 participei de uma peça que tinha como tema central a educação sexual.”
M.K.	“Meu pai conversava sobre isso comigo em casa, sabe? Ele falava bastante, ele me orientava bastante, isso eu não tenho como negar, ele me orientou muito bem com relação a isso. Amigos também, da idade, sempre falavam bastante; meus primos, primos mais velhos, primos mais novos também, a gente sempre conversou sobre isso. (...)”
B.M.	“Tá, meu pai. Com certeza ele sempre tinha umas revistas, tipo Playboy da vida, ele liberava a conta da locadora já quando a gente era criança para poder ver filme pornográfico, então tive umas influências bem machistas e interioranas.”
L.E.	“Pra ser sincero eu não sei, não lembro. (...) Então assim, com o tempo eu conheci bastante gente, mas o primeiro meio de comunicação eu não sei te dizer.”
M.A.	“O que eu sabia era pela televisão, porque nem computador eu tinha. (...) Na escola existiram algumas aulas sobre educação sexual, mas nada sobre homossexualidade, só questões relacionadas ao sexo entre homem e mulher.”
C.S.	“Minhas amigas, principalmente na adolescência, os pais delas. E conhecimentos práticos assim, mais das minhas amigas e das mães delas.”
L.S.	“Minha mãe e todas essas revistas, “toda teen”, “atrevida”, essas coisas assim. Depois que eu mudei para cá minha mãe comprava de vez em quando para a gente. Mas a gente lia e conversava com ela. Ou ela lia e conversava com a gente.”

Quadro 18 – Descrição das principais fontes de informação sobre sexualidade

L.A.	“Nessa mesma época eu contei pra minha mãe, tivemos uma longa conversa, e chorou muito, questionou aonde ela errou, o que ela fez, o porquê disso ter acontecido, o porquê de eu ser assim, mas acabou aceitando e falou que independente do que

	eu gostasse ou não, eu era o filho dela e ia continuar sendo, sempre.”
G.G.	“Meu pai finge que não sabe, e eu finjo que não sou para ele. Isso desde sempre. Com minha mãe no começo foi muito complicado, até que comecei a namorar e a gente ficava sempre junto, até que ela viu que o negócio estava ficando sério. Daí ela disse que gostaria de saber com quem seu filho estava se relacionando, independente se era homem ou mulher, aí meu namorado foi lá em casa. Minha mãe se encantou com ele, achou o rapaz maravilhoso. Hoje em dia é muito tranqüilo. Qual a mãe permitiria que o namorado do filho morasse junto, em casa? Minha mãe topou numa boa.”
M.K.	“o meu pai sempre foi muito tranqüilo (...) então quando eu contei pra ele foi super bem aceito, sabe? (...) Pra minha mãe eu não comentava, eu não tinha esse assunto livre para conversar com ela. Mas pro meu pai foi super bem aceito, ele me orientou, tem que usar camisinha, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, então com ele foi super bem tranqüilo.”
B.M.	“Não houve suporte além do meu pai. Por parte da família materna ninguém nunca incentivou, acho que a sexualidade sempre foi um tabu muito grande, até que eu comecei a bater de frente, comecei a ter minha primeira namorada, comecei a levar em casa. Mas nunca foi apoiado, foi sempre neutro, posso dizer.”
L.E.	“Na verdade a descoberta é bem recente, com 26 anos. Até então eu tinha um namorado e eu terminei com ele e resolvi viajar. Nessa viagem foi quando eu conheci minha namorada que estava fazendo intercambio. (...) De lá e até cá, entre a gente, nada mudou, mas nunca chegamos a conversar sobre isso.”
M.A.	“Eu falo que minha família é meu alicerce. Meus irmãos sempre me apoiaram, pois eles souberam antes dos meus pais. Inclusive foi meu irmão mais velho que contou para

	minha mãe, pois ficou com medo da resposta dela quando soubesse. Meu pai até hoje só mencionou sobre minha orientação apenas uma vez, mas disse que me apóia e que para ele eu serei sempre a menininha dele.”
C.S.	“(...) de suporte assim, não lembro de ter tido. Sempre foi muito escondido. Hoje isso é discutido a pouco tempo, dois meses para cá. Converso com minha mãe. Com meu pai só quando ele me levou no ginecologista, um pouquinho antes.”
L.S.	“Existiu um suporte da minha mãe desde o início e perdura até hoje.”

Quadro 19 – Opinião sobre o suporte da família no processo de formação da sexualidade

L.A.	“No ensino médio, no primeiro ano, onde tive a minha primeira amiga, que perdura até hoje a amizade, então ela que me auxiliava muito.”
G.G.	“Na verdade quando eu me descobri homossexual, eu não tinha muitos amigos, eu era uma pessoa muito solitária.”
M.K.	“Pro meu aprendizado foi fundamental, sempre por conversas, por exemplos que eles davam, por situações que eles passavam, então eu aprendi muito com isso, com a experiência deles.”
B.M.	“Existiu indiretamente, assim. Porque eu me espelhava em quem tinha namorada. ‘Pô’, eu queria ser igual.”
L.E.	“A maioria deles, aqueles que eu mantenho contato desde sempre, eles sabiam desde sempre. A mente é outra, então a aceitação e o suporte foi cem por cento."
M.A.	“Depois que eu me assumi parece que meus amigos ficaram mais presentes. Parece que minha segurança acabou refletindo nas minhas relações.”
C.S.	“(...) na verdade a gente foi descobrindo isso tudo meio junto. A gente era num grupo de amigas de cinco, nessa época, e a sexualidade foi sendo descoberta junto... O primeiro beijo foi

	mais ou menos na mesma época, e tinham algumas outras amigas que tinham uma experiência um pouco a mais, que agregavam nessa conversa. Mas a gente sempre foi descobrindo junto e a partir do momento que minhas amigas tinham o respaldo da família eu meio que aproveitava o gancho.”
L.S.	“(...) foi ótimo. (...) elas me deram bastante apoio. (...) todas as meninas sabiam que ia ser minha primeira vez, deram a maior força, me compraram pijama porque eu não tinha pijama, compraram dois pijamas para eu levar e fizeram todo um “auê” assim.”

Quadro 20 – Descrição da participação dos pares no processo de formação da sua sexualidade

L.A.	“(..) não teve, nem uma conversa séria comigo também, eu estudei ali até 14 anos. Nenhum momento me chamaram lá e conversaram a respeito.”
G.G.	“Qual papel? Não existiu papel nenhum, a escola nunca instruiu a gente para nada. Eu tive por uma ano uma matéria de educação sexual, e era ridículo!”
M.K.	“Acho que a escola, pelo menos na época, era uma coisa muito científica, tipo uma aula de ciências que eles mostram e falam um pouco, mas acho que não era um assunto aberto, um assunto em debate, uma coisa que aproxima a linguagem à idade do aluno. (...) Foi uma coisa muito distante.”
B.M.	“Só educação sexual. Teve poucos episódios, poucas aulas que foram discutidas.”
L.E.	“O papel da escola foi na orientação, sempre estava orientando, tem as camisinhas, tinhas as palestras diretos, eu lembro que nessa época foi bem intenso assim, bem direto. Ia medico, enfermeiro, levavam camisinha, pênis, então colégio sempre na orientação.”
M.A.	“Suporte não, apenas algumas aulas sobre educação sexual,

	mas de forma bem superficial.”
C.S.	“(...) sempre teve muitos professores. Na quinta série eu lembro de uma professora que teve essa conversa um pouco mais aberta, da sexualidade. Eu acho que quando me ajudou mais foi pela sétima ou oitava série, com professores que abordavam a questão da prevenção, da relação sexual, de masturbação, de tudo.”
L.S.	“Que eu me lembre foi assim uma palestra, mas só. No colégio mesmo, mas eu não lembro de nada. Foi mais sobre prevenção, DST´s.”

Quadro 21– Opinião sobre o papel da escola no processo de formação da sua sexualidade

L.A.	“Acredito que estou tranqüilo em relação a minha sexualidade. Não me sinto realizado e não me sinto nem feliz e nem infeliz porque acredito que tudo tem sua hora, seu tempo... Não vejo isso como uma dificuldade, porém com o passar do tempo aprendi a ser mais seletivo e não me permitir envolver-me com alguém apenas para satisfação momentânea.”
G.G.	“Vivo minha sexualidade de forma plena e feliz.”
M.K.	“Tranquilamente, me sinto realizado. Percebo que a forma como eu me compreendo e como os outros me compreendem me satisfaz. Tenho facilidade na minha vida amorosa e sexual atual por me aceitar, gostar do meu corpo e ter certeza das minhas escolhas. Isso me permite transformar a atividade sexual em um ato natural e prazeroso.”
B.M.	“Estou muito satisfeito com minhas opções sexuais atualmente. Acredito que, apenas na adolescência, tive dificuldades em manifestá-la adequadamente, pois sempre que me interessava por uma garota, tinha dificuldades em me aproximar e expressar isso. Havia muito sentimento de vergonha decorrente de baixa auto estima. Minha vida “sexo-afetiva” sempre foi instável e oscilante. Não me vejo apto a

	desenvolver relacionamentos estáveis.”
L.E.	“Olha, eu estou muito feliz na verdade, e se fosse para fazer tudo de novo, viver tudo de novo, eu faria tudo novo. Sem problema nenhum. (...) As dificuldades sempre existem, ninguém acha normal um casal homossexual andar de mãos dadas na rua...”
M.A.	“Sou feliz, tenho o apoio da minha família. Mas sabe, hoje eu digo, se me compreendem, ótimo! Caso não, puxa, que pena para você! Hoje sou segura com relação a mim, e tenho certeza que essa segurança reflete nos outros.”
C.S.	“Eu tenho algumas dificuldades que tem relação com meu corpo e tal, e me sinto levemente satisfeita.”
L.S.	“(...) hoje é bem tranqüilo, mesmo. Me sinto bem satisfeita, bem tranqüila.”

Quadro 22 – Descrição de como percebe e vive hoje sua sexualidade

L.A.	“Avalio que estão ótimas... Tenho ótimas pessoas ao meu lado.”
G.G.	“Estou em uma relação estável há 11 meses, o sexo é importante, mas não é a base de um relacionamento, existem outras coisas que são bem mais importantes em um relacionamento, como cumplicidade, carinho, respeito... São a base que formam o amor e este sim é fundamental para a vida, seja ela a dois ou sozinho, pois quando você está vivendo em plenitude aprende que se amar é a chave para ser feliz. Também não vivo sem minha família e sem meus amigos.”
M.K.	“Eu acho que se encontram bem. Não tem nada de diferente, eu acho que é normal, nada que eu possa apontar como diferente.”
B.M.	“Estou bem comigo mesmo, mas estou sempre envolvido com uma garota, de freqüência mediana na semana, às vezes eu vejo, as vezes não, mas nunca a ponto de me envolver seriamente. Sempre eu bolo algum esquema que não permite

	estar me envolvendo. (...) Sempre cultivei muito bem minhas amizades, acho que mesmo as pessoas que não vejo freqüentemente, sempre tive um bom vinculo a ponto de ter uma liberdade saudável pra amizade. Quem eu quero manter, que eu tenho interesse, é mantido, e quando não é, aparece, sempre me surpreende com um bom retorno, com uma reação. Acho que eu sempre cultivei muito bem o meu lado social."
L.E.	"As relações vão bem, principalmente com minha namorada, pois compartilhamos os planos, vivemos em sintonia, sabe?"
M.A.	"Vão bem, pois como disse, pela primeira vez na minha vida, não tenho apenas um amigo só. Tenho amigos da escola, da faculdade..."
C.S.	"Com meu pares está tudo muito normal, tranqüilo. (...) E no afetivo está num processo de mudança."
L.S.	"Bem, muito bem."

Quadro 23 – Descrição de como estão as relações com os pares e parceiros

L.A.	"Expectativas por conhecer alguém especial, viver juntos, enfim, como um relacionamento heterossexual normal."
G.G.	"Quero ter filhos. Me imagino velho, num bar, tomando whisky, chegando numa casa, cheia de gatos. Me imagino no futuro como um 'tiozão' solitário."
M.K.	"Não me preocupo muito com isso, cheguei a me preocupar um tempo atrás, quando tive alguns problemas, mas hoje em dia não tenho me preocupado mais."
B.M.	"Hum, o que eu espero da minha sexual no futuro? Não, eu não planejo minha vida sexual."
L.E.	"Existem sim, alguns planos, para um futuro tanto aqui quanto para fora do país. Então assim nós temos um plano, mas estamos mais propensas para morar fora, não por questões legais, mas porque eu gostei de morar fora."
M.A.	"Eu quero crescer, aprender, estudar... Como eu tenho todo o apoio, e não preciso de nada, quero aprender para quem sabe

	ajudar a quem não tem esse apoio. Tenho planos com minha esposa, alguns em comum, outros que ela não gosta, mas não me fecharia por ela.”
C.S.	“essa questão de conhecimento mesmo, e não sei, quem sabe um avanço em alguns aspectos.”
L.S.	“Hum... não sei. Não planejei nada de diferente para mim. A expectativa é que continue bem, espero que não piore. Mas não tenho nenhum planejamento, nada.”

Quadro 24– Relato de expectativas com relação à sexualidade

ANEXO 1

CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru

Faculdade de Ciências

O **Comitê de Ética em Pesquisa** da **Faculdade de Ciências** da Universidade Estadual Paulista – **UNESP**, em sua **53ª Reunião Ordinária** realizada no dia **03 de dezembro de 2009**, no Prédio do STI da **Faculdade de Ciências** da **UNESP**, Campus de Bauru, às 09h00, após análise do parecer emitido pelo relator **APROVA** o projeto **"Orientação afetivo-sexual e desenvolvimento humano: relatos de pessoas sobre a infância, adolescência e relações familiares"**, **Processo nº 2332/46/01/09,** sob responsabilidade da Professora Doutora Ana Cláudia Bortolozzi Maia.

Bauru (SP), 03 de dezembro de 2009

PROF. DR. ARI FERNANDO MAIA
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
Av. Engº Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa - Bauru-SP - CEP: 17.033-360
Fone: (14) 3103-6187 - email: ceiart@fc.unesp.br

ANEXO 2

ATA DE DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

unesp UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
CAMPUS DE BAURU
FACULDADE DE CIENCIAS DE BAURU

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FELIPE GANZERT OLIVEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DO(A) FACULDADE DE CIENCIAS DE BAURU.

Aos 25 dias do mês de fevereiro do ano de 2011, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro da Pós-Graduação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI MAIA do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, Prof. Dr. RINALDO CORRER do(a) Setor de Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Universidade do Sagrado Coração, Prof. Dr. SANDRO CARAMASCHI do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a argüição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de FELIPE GANZERT OLIVEIRA, intitulado "Orientação afetivo-sexual e desenvolvimento humano: Relato de Pessoas sobre a infância, adolescência e relações familiares e sociais". Após a exposição, o discente foi argüido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ANA CLAUDIA BORTOLOZZI MAIA

Prof. Dr. RINALDO CORRER

Prof. Dr. SANDRO CARAMASCHI